

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS E ARTES

MOADY DE OLIVEIRA BRAGA

REPRESENTAÇÕES POLÍTICAS EM DOIS IRMÃOS

MANAUS - AM
2018

MOADY DE OLIVEIRA BRAGA

REPRESENTAÇÕES POLÍTICAS EM DOIS IRMÃOS

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre do Curso de Mestrado em Letras e Artes, da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

Orientador: Prof. Dr. Marcos Frederico Krüger Aleixo

MANAUS – AM
2018

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcos Frederico Krüger Aleixo - UEA

Prof. Dr. Victor Leandro da Silva – UEA

Profa. Dra. Francisca de Lourdes Souza Louro - UEA

RESUMO

Esta dissertação, que tem como objeto de estudo o romance de memórias *Dois Irmãos*, é composta por três capítulos, tendo como objetivo principal demonstrar que os conflitos dos irmãos gêmeos Yaqub e Omar são uma representação política das guerras ocorridas entre os Estados Unidos da América e a União Soviética, no contexto da Guerra Fria, iniciada a partir da segunda metade do século XX. A metodologia adotada em todo o percurso desta pesquisa é a comparativa analítica, apoiada em obras literárias similares, assim como em compêndios de registros da História, documentários e outros. O primeiro capítulo é uma composição que se propõe a pôr em destaque pontos de semelhanças entre o romance de Machado de Assis *Esaú e Jacó* e *Dois Irmãos*, de Hatoum, objeto principal deste trabalho dissertativo. Mostra que o autor amazonense bebeu a água da inspiração de sua obra em fontes machadianas. Basta lembrar apenas, como exemplo, a disputa pelo amor da mesma mulher; o perfil possessivo e protetor das mães; as constantes divergências de opiniões e de comportamento dos gêmeos. O segundo ocupa-se, por meio de comparações e analogias, em demonstrar que as rivalidades, as disputas, a guerra inconciliável também travada entre os irmãos gêmeos Yaqub e Omar, personagens centrais do romance já acima citado, vão muito além das contendas pessoais ou familiares à moda Caim e Abel, Esaú e Jacob, ambos bíblicos. Tais disputas constituem, sim, uma composição metafórica, como se fossem representações de uma guerra política de ideologias antagônicas, à semelhança dos dois personagens gigantes da referida Guerra Fria, já que cada um dos irmãos brigões também sempre desejou defender e impor suas ideologias de vida. O último capítulo tem como proposta, utilizando-se da mesma metodologia dos anteriores, fazer menção a algumas personagens tradicionais, por isso, muito presentes no cenário literário romanesco brasileiro e universal, assim como discorrer mais profundamente sobre outras. São eles: o malandro, o negro, o escravo, o índio e o agregado. Isso porque Domingas, outra importante personagem do romance em estudo, possui descendência indígena e, quando veio para Manaus, tornou-se agregada da família dos libaneses, engravidou de um dos filhos deles, tendo um menino. Tais relações caracterizam-se por analogias e comparações, como também sendo representações políticas importantes presentes na trágica história dos dois irmãos rivais e toda a família deles.

Palavras-Chave. Literatura. Duplos. Política.

ABSTRACT

This dissertation has as object of study the novel of memories *Dois Irmãos*. It is composed of three chapters, whose main objective is to demonstrate that the conflicts of the twin brothers Yaqub and Omar are a political representation of the wars that took place between the United States of America and the Soviet Union in the context of the Cold War, of the 20th Century. The methodology adopted for the development of said text is the analytical comparative, supported in similar literary works, as well as in compendia of historical records, documentaries and others. The first chapter is a composition that proposes to emphasize points of similarities between the ax novel of Assis Esau and Jacob and *Dois Irmãos*, of Hatoum, main object of this dissertative work. It shows that the Amazonian author drank the water of the inspiration of his work in Machado sources, just remember as an example, the dispute for the love of the same woman; the possessive and protective profile of the mothers; the constant differences of opinion and behavior of the twins. The second is concerned with comparisons and analogies in demonstrating that the rivalries, disputes, and irreconcilable war between the twin brothers Yaqub and Omar, the central characters of the above-mentioned novel, go far beyond personal or family, fashionable Cain and Abel, Esau and Jacob, both biblical. But rather, a metaphorical demonstration, as representations of a political war of antagonistic ideologies, similar to the two giant characters of the referred Cold War. Since each of the bully brothers also always wanted to defend and impose their ideologies of life. The latter has as its proposal, using the same methodology as the previous ones, to mention some of the traditional characters, which is why they are very present in the Brazilian and universal *romanes que* literary scenario. Just as you dig deeper into others. They are: the trickster, the negro, the slave, the Indian and the household. Since Domingas, another important character of the novel in study, has indigenous descendants, and when it came to Manaus it became an aggregate of the family of the Lebanese and it impregnated of one of their children, having a boy. Such relations are characterized by analogies and comparisons, as well as being important political representations present in the tragic history of the two rival brothers and their entire family.

Keyword: Literature. Double. Politics.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. ESAÚ E JACÓ: POLÍTICA E RIVALIDADES.....	10
3. OMAR, O HIPPIE E YAQUB O MILITAR.....	23
3.1 A prisão e a morte do professor Antenor Laval.....	42
4. OUTRAS REPRESENTAÇÕES POLÍTICAS.....	56
5. CONCLUSÃO.....	68
6. REFERÊNCIAS.....	71

AGRADECIMENTO

Aos esforços do meu pai e da minha mãe, *in memoriam*. Aos meus professores do primário e do ginásio em Codajás. Aos meus filhos, minha esposa Ana Paula, pela sua inestimável colaboração. E por fim, ao Doutor e amigo Marcos Frederico. O professor de toda minha vida. A todos meu agradecimento eterno.

INTRODUÇÃO

O autor Milton Hatoum escreveu e publicou cinco romances, dentre os quais *Dois Irmãos*, que se constitui objeto de estudo deste trabalho. Hatoum, cujas origens são de família libanesa, nasceu em Manaus, no dia 19 de agosto de 1952. Passou a infância e parte da adolescência em sua terra natal, mudando-se depois para Brasília onde concluiu o ensino colegial. Após a conclusão do curso, mudou-se para São Paulo, ingressou no curso de arquitetura da USP, formando-se nessa área; Em seguida, nessa mesma instituição, lecionou História da Arquitetura. Mais tarde, como bolsista, foi estudar em Madri e Barcelona, tendo uma breve passagem por Paris onde estudou Literatura Comparada. No início dos anos de 1980, retorna à Manaus e vai lecionar Literatura na Universidade do Amazonas, até 1989. Atualmente reside em São Paulo.

Dois Irmãos é uma obra de memória que narra a saga de um casal de imigrantes vindos do Líbano, Halim e Zana, que se estabelecem como comerciantes no centro da cidade de Manaus e constituem uma família formada por três filhos: Yaqub e Omar, que são gêmeos, e a menina Rânia. A família tem como agregada a índia Domingas, que chega à casa do referido casal pelas mãos das freiras salesianas. As religiosas trouxeram a menina-índia lá das imediações do rio Jurubaxi, no Alto Rio Negro, por ela ser órfã de pai e de mãe. Domingas, a partir de então, vai viver com os tais imigrantes até sua morte. Só que a menina agregada, ainda em tenra juventude, engravidou de um dos filhos gêmeos dos patrões, dando à luz a um menino, ao qual o avô Halim, deu o nome de Nael. Este, já adulto, a partir de sua memória do que viu e ouviu relata toda a história daquela família de origens estrangeiras.

O início da narrativa remonta ao final do século XIX, começo do XX, quando chega a Manaus um grupo de libaneses. Dentre estes, Zana e seu pai, que mais tarde se tornam conhecidos de outros compatriotas como o mascate Halim, o futuro marido da jovem Zana, filha de Galib. Casados, poucos anos antes do início da Segunda Guerra Mundial, mesmo a contragosto do esposo, Zana engravida e dá à luz a gêmeos. Estes, desde meninos, alimentam uma rivalidade, a qual, em termos alegóricos, se assemelha a posturas ideológicas surgidas na segunda metade do século passado no decorrer da Guerra Fria.

Este trabalho dissertativo tem como principal fonte de fundamentação teórica as obras *Eros e Civilização*, de autoria do filósofo de origem alemã Herbert Marcuse, membro do conhecido grupo docente da Universidade de Frankfurt. Depois, porém, com as turbulências

da Segunda Guerra Mundial, Marcuse mudou-se para Os Estados Unidos e de lá, em 1955, escreveu e publicou o citado livro, cuja linha principal de conteúdo é a interpretação de algumas teorias de Freud, as quais sustentam que o prazer e a satisfação dos desejos e dos instintos é a única forma de o homem ser feliz. Tal assunto coadunou-se com a pretensão dos movimentos de Contracultura, em especial o dos hippies, que transformaram Marcuse numa espécie de guru. Assim, sua obra *Eros e Civilização* constituiu-se como um verdadeiro manual que ditou e formatou toda a ideologia do movimento em toda a sua trajetória.

A outra fonte teórica é o ensaio *Ideologia e Aparelho Ideológico de Estado*, de autoria do também filósofo argelino Louis Althusser, publicado pela primeira vez em 1970. Nessa obra Althusser faz uma análise, à luz das teorias marxistas, das instituições que constituem o Estado e o papel destas quando das relações com os indivíduos que, livres ou não, formam os setores da sociedade. As demais obras utilizadas neste trabalho são alguns compêndios de História que forneceram as datas, os registros e as informações sobre muitos dos acontecimentos históricos que naturalmente servem de balizamento na estruturação desta dissertação.

Tornou-se inevitável, durante a escritura, uma comparação entre o romance de Hatoum e *Esau e Jacó*, de Machado de Assis. Não só porque, em ambos os textos, há uma rivalidade insolúvel entre os gêmeos, como também pelo fato de os duplos machadianos serem também alegorias de posturas políticas: Paulo, da República; Pedro, da Monarquia. A equivalência entre os dois pares de gêmeos aponta que a Paulo corresponde Omar, enquanto Pedro se alinha ao lado de Yaqub.

Mais de cem anos depois, a luta entre ideologias continua. O que é novo torna-se velho em relação a outro novo que surge. Na alegoria do Humanitismo, criada por Quincas Borba, há sempre um vencedor prestes a ser destronado por outra tribo faminta. Não se pode dizer, considerando-se a trajetória humana na Terra, que alguém tenha ocupado definitivamente o campo de batatas. Nem Omar nem Yaqub, nem Paulo nem Pedro triunfaram. Chegará o dia em que possamos dizer, com absoluta convicção, “ao vencedor, as batatas”?

2. ESAÚ E JACÓ: POLÍTICA E RIVALIDADES

Dois Irmãos tem fortes influências machadianas, principalmente em Esaú e Jacó, publicado pela primeira vez em 1904. Ambas as obras estendem suas raízes aos relatos bíblicos dos gêmeos nascidos de Isaac e Rebeca (Gênesis-25) e em Caim e Abel, filhos de Adão e Eva (Gênesis-4). Os tais romances colocam como eixo central de seus enredos a rivalidade insolúvel entre irmãos gêmeos. Assim sendo, deixando à parte as discursões no campo subjetivo, as análises já realizadas, questionamentos de natureza mística, teorias interpretativas com intertextualidades sobre o bem e o mal já muito exploradas. As narrativas literárias sobre a origem ou as origens desta rivalidade entre duplos, tanto em Esaú e Jacó de Machado de Assis (2016), quanto em *Dois Irmãos* de Milton Hatoum (2000). Em seus tempos cronológicos enquadram as ações dos personagens principais, demarcando períodos de grandes efervescências e transformações políticas, econômicas e tecnológicas.

Pedro e Paulo, de Esaú e Jacó, nasceram em 1870. No campo político dessa época, antes e depois de sua chegada ao mundo, ocorreram muitos eventos importantes tanto no Brasil como no exterior que mexeram com a ordem vigente. Dentre esses eventos, podemos lembrar a publicação do Manifesto Comunista em 1848, questionando os meios de produção e o avanço do capitalismo; a Lei Euzébio de Queiroz, de 1850; a Lei do Ventre Livre, que nasceu quase junto com os filhos de Santos e Natividade, pais dos gêmeos rivais Pedro e Paulo, em 1871; a Guerra do Paraguai (1864-1870), que envolveu Brasil, Argentina e Uruguai, e foi considerada como o maior conflito armado ocorrido na América Latina. Tais acontecimentos, somados a outros, acirravam ainda mais as disputas políticas entre republicanos e monarquistas (VICENTINO; DORICO, 1997).

Todos esses episódios não poderiam ser indiferentes à vida daquele Brasil ainda imperial, uma vez que influenciaram consideravelmente o sistema econômico do país, que ainda tinha como base a agricultura sustentada pela mão de obra escrava, cuja produção de riquezas advinha basicamente do ciclo do café. Santos e Natividade não eram imigrantes libaneses como Zana e Halim. Eram brasileiros do interior do Estado que migraram e se instalaram na cidade do Rio de Janeiro, capital do Brasil. Halim estabeleceu-se como comerciante de mercadorias para pescadores, seringueiros, caboclos ribeirinhos. Enquanto Santos era um financista, pois trabalhava numa espécie de instituição financeira, vendendo dinheiro a quem interessasse e pudesse pagar: “[...] dizem que revelou grandes qualidades

para ganhar dinheiro depressa. Ganhou logo muito, e fê-lo perder a outros” (ASSIS, 2016, p. 25).

Manaus e Rio de Janeiro apresentam diferenças significativas, assim como as épocas históricas nas quais ambas as famílias conviveram com seus filhos gêmeos, rivais. Entretanto, não é raro se encontrarem semelhanças que estabelecem um estreito contato entre as obras já acima mencionadas. Assim, o que se pretende é exatamente discorrer acerca de algumas dessas semelhanças, na intenção de ligar e descrever esses pontos comuns aos referidos romances.

Nas duas obras, os pais expressam preocupações em ter filhos, já que possuem maus pressentimentos, premonições, sensações misteriosas. Em ambas, os filhos são primogênitos. Halim, por exemplo, nem deseja tê-los. De tão apaixonado que é por sua esposa Zana, quer mesmo é tê-la para si o tempo todo e por toda a vida. Mas Zana, depois de receber com grande dor e pesar a notícia vinda do Líbano da morte de seu pai Galib, alegando estar agora sem família, sozinha no mundo, mesmo contrariando a vontade do marido e os maus presságios, resolve engravidar e, nove meses depois, dá à luz a dois meninos, a quem eles dão os nomes de Yaqub e Omar.

Natividade, mãe de Pedro e Paulo, experimenta grande angústia e preocupações com a gravidez. Assim, mesmo sendo, ela e a irmã Perpétua, católicas fervorosas, na tentativa de acalmar suas preocupações, vai junto com a irmã buscar, no morro do Castelo, os serviços de uma cabocla que, sob pagamento de consulta, prestava serviços de adivinhações. Essa aventura perigosa e desagradável aumentou ainda mais em Natividade seus medos e suspeições, quando a cabocla perguntou à futura mãe se seus filhos brigavam em seu ventre.

Nascem os meninos. Em ambos os casos, logo após o nascimento, seus pais começam a perceber as semelhanças e as diferenças entre seus rebentos. Pedro e Paulo eram fisicamente idênticos de tal forma que se exigia atenção dobrada das amas e dos próprios membros da família para não confundi-los. Contudo, pelo comportamento, foi sendo mais fácil distingui-los. Pedro era mais calmo, moderado, paciente e conciliador, enquanto Paulo era mais aceso, inquieto, em certos momentos até um tanto agressivo. Alguns amigos espíritas de seus pais, sabendo dessas diferenças do comportamento, chegaram a especular a possibilidade de os meninos serem a reencarnação dos apóstolos cristãos Pedro e Paulo, já que estes, segundo registram os evangelhos, apresentavam comportamentos pessoais difíceis e, em alguns momentos, contrários um do outro.

Ainda fazendo referência ao contexto histórico dos romances em questão, é importante ressaltar que os gêmeos Yaqub e Omar nasceram na década de 1930, em um período cuja preparação das estratégias de Hitler estava bastante adiantada. Logo em seguida, ainda na infância deles, iria se iniciar a segunda Guerra Mundial, a mais sangrenta, cruel e estúpida da história da humanidade. Portanto, os gêmeos de *Dois Irmãos* assistiram e viveram, juntos com o mundo, a todos os medos, aos horrores e às agruras da tal grande guerra, evento que marcou e transformou a vida e a história dos homens para sempre (KOSHIBA, 2009).

Já o texto machadiano coloca os gêmeos num momento crucial da vida brasileira: o fim da monarquia e o início da república, momento de um país com heranças resultantes de conflitos e revoltas ocorridas durante seu período colonial e imperial. O país, à época com uma estrutura praticamente agrária, tinha uma economia baseada na exploração dos ciclos do pau-brasil; do açúcar; da mineração e do café. Tendo como base impulsora o tráfico e a mão-de-obra escravagista, vivia sob a influência de nações estrangeiras que se apropriavam das partes melhores e maiores dos lucros. Estes, somados a outros eventos que na segunda parte do século XIX se sucederam antes e depois dos primeiros anos republicanos, alguns já acima citados, desenham aquele Brasil. Desse modo, o contexto histórico do romance *Esaú e Jacó*, por todos os eventos transformadores nele registrados, constitui-se de essencial importância para o todo da História nacional. Outros acontecimentos vindouros, como as duas guerras mundiais, por exemplo, compõem o panorama.

No contexto do nascimento dos gêmeos da obra de Hatoum, a ideologia da Guerra Fria criou adeptos e desafetos, visto que os homens, em sua maioria, são sempre influenciados pelos acontecimentos de seu tempo. Desse modo, Yaqub tornou-se um militarista, pois o militarismo era um dos instrumentos principais de combate nas disputas entre as duas nações de regimes rivais. Já Omar, chamado pela mãe Zana de Caçula, adotou posturas que se assemelhavam à dos hippies, tornando-se um libertário, defensor intransigente da realização de seus instintos e desejos carnis como a única forma de um ser humano ser feliz numa sociedade cheia de conflitos e contradições, regida pela industrialização e o consumismo.

Do mesmo modo, o tom da rivalidade entre Pedro e Paulo, do romance machadiano, também reverbera o contexto histórico do tempo no qual eles viveram. Apesar das últimas décadas do século XIX terem assistido a vários eventos importantes que provocaram grandes mudanças na ordem política, econômica e social do Brasil e do mundo, em que pesem suas indiscutíveis importâncias, ainda assim não atingiram o nível de violência, de estragos

materiais e danos à vida humana como provocaram as três guerras ocorridas no século XX. (KOSHIBA, p. 455).

Sabe-se que durante as disputas entre republicanos e monarquistas pela mudança de regime. Deixando à parte as lutas desiguais com as atrocidades cometidas contra os negros em várias partes do território brasileiro. Até a proclamação da República no dia 15 de novembro de 1889, data que marcou em definitivo a falência do Império e o afastamento do Imperador D. Pedro II sem nenhum ato de violência contra sua Alteza, pois não foi necessário. Ele a esta altura, estava desgastado, não reunia mais força política para se manter na governança do país. Assim sendo, a mudança do regime, segundo o próprio narrador do enredo romanesco de Esaú e Jacó, só não foi totalmente pacífica, por que um ministro monarquista feriu-se no dia da Proclamação.

Assim, no que diz respeito a rivalidade entre os gêmeos de ambas as obras, pode-se dizer que a de Pedro e Paulo foi perturbadora, inexplicável e inconciliável. Entretanto, não foi exatamente igual em nível de violência e agressividade da dos irmãos Yaqub e Omar, já que apenas uma vez, quando ainda meninos, estes se engalinharam e até se feriram fisicamente, quando brigaram tendo como motivo do conflito a admiração que Pedro nutria por Luiz XVI, Imperador da França, e Paulo, já demonstrando seu espírito revolucionário e opositor do irmão, admirava Robespierre, um dos líderes jacobino na revolução francesa. O trecho a seguir, uma fala de Natividade, ilustra bem o que acima está escrito: “Meninos bonitos não brigam, ainda menos sendo irmãos, quero vê-los quietos e amigos, brincando sem rusga nem nada. Estão entendendo?” (ASSIS, 2016, p.54). Em seguida, o narrador descreve que os gêmeos, mesmo sem muito gosto, talvez para agradar à mãe, aproximam-se e se abraçam.

A referida passagem da narrativa machadiana reforça a assertiva já acima colocada de que tanto o comportamento dos gêmeos cariocas, quanto dos manauenses, refletia a realidade e os acontecimentos de seu tempo. Numa simples e rasa leitura de *Dois Irmãos*, facilmente se percebe que obediência aos pais, a nada e a ninguém, nunca foi virtude de Omar. O Caçula, desde a infância, já demonstrava indisciplina, rebeldia e desrespeito a qualquer tipo de regras. Quanto ao nível de agressividade com o irmão rival, basta lembrar o episódio da matinê na casa da vizinha Estelita, quando ele flagrou Yaqub namorando a menina Lívia. Completamente possuído de ódio, golpeou o rosto do irmão com um caco de vidro, cuja cicatriz do corte marcou o rosto e a vida do oponente para sempre.

A única ocasião na qual Omar foi amistoso no trato com o militar, seu irmão gêmeo, foi quando viajou para São Paulo fingindo para todos da família que iria trabalhar e estudar

naquela cidade. Todavia, seu real objetivo era se vingar de Yaqub e Lívia por estes terem se casado às escondidas dele e da família. Assim, aproveitando-se de um flerte com a empregada do casal, entrou na casa, quebrou, danificou, destruiu vários objetos, inclusive coisas da estimação de Yaqub e de sua esposa. “Muito obrigado, mano. Desde que cheguei a São Paulo é a primeira vez que como com prazer. E só minha mãe me daria tanto prazer”. Estas foram palavras escritas em um bilhete a Yaqub, cujo sentido real não passa mesmo de um falso agradecimento, porque por toda a vida deles só houve ironias, sarcasmo e hostilidades (HATOUM, 2000, p. 108).

E por falar nas mães, elas possuíam muita coisa em comum, até a morte as levou antes dos filhos. Natividade talvez tenha sofrido menos do que Zana com a tal rivalidade dos filhos Pedro e Paulo, se é que se pode medir esse tipo de peso nos ombros e no coração de uma mãe. Contudo, desde que ela ouviu as premunições da cabocla do morro do Castelo dizendo da briga de seus bebês em seu ventre, a esposa de Agostinho Santos nunca mais tirou de sua mente as preocupações com tal indesejado acontecimento. Seus cuidados durante a infância deles se prolongaram por toda a adolescência, mesmo quando eles se apartaram, pois Paulo foi estudar Direito em São Paulo e Pedro ficou no Rio de Janeiro estudando Medicina. Ainda assim, ela fiscalizava as cartas trocadas por eles e pela família. Preocupava-se com as picuinhas, com alguns desaforos e ironias escritos por eles, com as constantes discussões quando se juntavam durante as férias, principalmente quando se tratava de questões políticas, envolvendo as antigas contendas entre Monarquia e República, como também era de outro motivo de preocupação constante e duradouro na disputa deles: a moça Flora.

O drama da libanesa Zana, mãe de Yaqub e Omar, também foi recheado de crueldade. Seu calvário não foi curto. Sua cruz ou cruces fizeram-na derramar muitas lágrimas, perder horas incontáveis de sono, inúmeras rezas de terço e centenas de pedidos de socorro à sua santa protetora. Se a mãe Natividade impressionou-se com a premunição da cabocla, Zana impregnou em sua alma um sentimento de culpa que gerou outro obsessivo, protecionista, por Omar ter nascido depois de Yaqub. A juízo dela, o menino veio ao mundo menor em tamanho, mais fraco em físico e força, portanto carente, e precisando de mais e maiores cuidados e proteção do que o outro que nascera primeiro. Assim, Yakub, desde menino, foi desenvolvendo um sentimento de rejeição, pois via e sentia a predileção da mãe pelo irmão gêmeo, apelidado carinhosamente por ela de Caçula. Mais tarde, quando já homem feito, ela o chamava também de Peludinho, como Rebeca e Isaac chamavam Esaú. Já com Natividade e Santos não havia preferência entre os filhos.

Essa predileção de Zana por um filho e uma quase indiferença pelo outro se tornaram um ingrediente venenoso para a então inexplicável e inconciliável rivalidade entre os gêmeos. Havia uma cumplicidade de um instinto desregrado com o rebelde Omar que atingia como um punhal o ego de Yaqub. Essa relação desmedida entre Zana e o Caçula era tão louca, que a cegava e assim desgastava até sua antes, maravilhosa relação conjugal com o marido Halim. O velho comerciante aos poucos, sentindo a perda da amante, da esposa e da mulher, paixão de sua vida, assim como a esposa também era atingido quase que rotineiramente pelos efeitos do dilaceramento das relações entre todos os membros de sua família. Isso levou Halim a criar asco, ojeriza, uma sensação de nojo e desprezo pelo filho Caçula que fazia questão de ser o dínamo, o fabricante incansável de toda aquela energia odiosa que gerava tantas brigas e desgraças em toda sua família.

Natividade também amava e era amada pelo esposo Agostinho Santos. Nem mesmo na hora de seu passamento, livrou-se de pensar na rivalidade dos filhos. Por isso, antes de se ir embora de vez, ela os chamou em seu quarto e lá fez uma secreta conferência com eles:

Vocês vão ser amigos. Sua mãe padecerá no outro mundo, se os não vir amigos neste. Peço pouco; a vossa vida custou-me muito, a criação também, e a minha esperança era vê-los grandes homens. Deus não quer paciência. Eu é que quero saber que não deixo dois ingratos. Anda, Pedro, anda, Paulo, jurem que serão amigos (ASSIS, 2016, p. 244-245).

Os dois choravam ouvindo as súplicas da mãe. Algum tempo depois, entretanto, a desarmonia, o desacordo, a rivalidade já haviam destruído o valor e a promessa feitos sob aquelas lágrimas, continuando rivais. A intenção de Zana foi a mesma na hora de sua morte, só que seu final foi ainda mais triste, pois seus filhos brigões nem ao alcance dela e de sua morte estavam. Coube-lhe apenas um desabafo solitário e desesperado antes do último suspiro: “Meus filhos já fizeram as pazes?” (HATOUM, 2000, p.12).

Do mesmo modo, diga-se dos genitores dos gêmeos desses dois romances aqui estudados. Suas semelhanças não se reservam apenas por ambos trabalharem com dinheiro, como acima já foi frisado. Pode se afirmar que eles também eram bons pais, bons maridos que amavam suas esposas, suas famílias e eram muito respeitados, bem relacionados e até queridos por seus amigos. Quanto à rivalidade incurável entre seus filhos, no começo, na infância destes, Agostinho Santos, pai de Pedro e Paulo, mesmo não sendo muito atingido

conjugalmente quanto foi Halim, pai de Yaqub e Omar, também teve sua carga de perturbação e muitas preocupações com o comportamento dos filhos.

Assim sendo, quando Santos foi informado pela esposa de que, segundo a cabocla do Castelo, seus bebês haviam brigado no ventre dela, não conseguiu esconder seus medos, receios e sinistras suposições expressas por seus amigos. Tanto que hesitou, especulou, conjecturou com estes vários nomes antes de decidirem por Pedro e Paulo. Pensaram até na possibilidade, cedendo aos princípios do Espiritismo, que as crianças poderiam ser a reencarnação dos apóstolos de Cristo, Pedro e Paulo, como acima já foi dito, que tiveram sérios entreveros e teriam voltado para revivê-los e resolver tais pendengas. Mas tudo isso, para a família Santos, não passou de especulações.

Com Halim, os sofrimentos e as consequências dolorosas dos efeitos da rivalidade e brigas entre os filhos foram terríveis. Consumiram suas forças e suas relações com a esposa e toda família meio que lentamente, porém, de maneira efetiva e constante, incontrolável. Aos poucos, como se fosse fogo invisível, via-se apenas a fumaça, mas a labareda estava ardendo às escondidas. A paz familiar, a tranquilidade e o prazer das sextas temperadas com sessões de sexo com Zana quase todas as tardes, aos poucos, foram rareando. Uma noite não dormida foi se transformando em várias noites de tormentas, semanas, meses de perturbações e desconsolo. Chegou ao ponto que o pai libanês preferia ficar nas ruas depois do trabalho a vir para casa. Se Paulo ficou afastado do pai Santos e da família por quatro anos enquanto estudava Direito em São Paulo, Halim teve que suportar a dolorida ausência familiar do filho Yaqub, que, depois de ter recebido no rosto um golpe de caco de vidro, desferido pelo irmão rival, como castigo, ainda foi exilado com a chancela da mãe Zana, sendo obrigado a passar cinco anos morando numa aldeia do Líbano, longe de tudo e todos. Se a estada de Paulo na capital paulista em nada influiu nas suas contendas com o irmão Pedro, a de Yaqub no Líbano seguiu o mesmo modelo, talvez suas revoltas até tenham aumentado.

Existe outra semelhança no perfil dos pais dos gêmeos rivais dos dois romances em questão que pode parecer irrelevante, mas que apresenta importância no corpo das histórias é a presença de uma figura que atua como conselheiro. Não apenas Santos, mas todos da família, dispõem dos ouvidos generosos e da doação dos préstimos do conselheiro Ayres, um velho diplomata aposentado. Embora, por ser humano, o amigo não tivesse condições de resolver todas as questões que lhe são propostas como desafio, acostumado aos embates políticos da política, e, talvez por isso, adquirira um espírito de sacerdote sempre disposto a ouvir e a acalmar as almas aflitas. Isso ele faz em todos os momentos, em todas as horas que

o procuram. Se não com todos, mas com quase todos os personagens envolvidos no enredo do romance Esaú e Jacó, desde o seu começo até o fim, inclusive sobre os gêmeos rivais, como ele próprio declara quando Natividade a ele recorre: “Para os outros é igualmente inútil, mas eu nasci para servir, ainda inutilmente. Baronesa, o seu pedido equivale a nomear-me aio ou preceptor” (ASSIS, 2016, p. 91).

Nael, neto de Halim, filho de um dos gêmeos brigões, não é diplomata nem possui experiências políticas, mas é o faz tudo para todos da família dos libaneses. É o porto seguro, é a estação que funciona todo dia, todo mês, todo ano para atender aos pedidos de socorro de Zana e da sua tia Rânia e até da vizinhança também. Nael é, verdadeiramente, o melhor amigo de Halim. Emprresta de bom grado seus ouvidos e sua paciência para o amargurado pai libanês desfiar seus desgostos, suas dores e frustrações com as contendas dos filhos cujos efeitos corroeram suas forças e sua relação amorosa com a esposa, sobretudo suas esperanças de uma família boa e feliz.

Nael, além das incontáveis horas de conversas e em outras nas quais ouve, como um psicanalista, as confidências de seu paciente no divã, acompanha Halim em suas andanças, vai procurá-lo e buscá-lo nos bares e nos botequins da vizinhança onde fica o marido de Zana por gosto da conversa com os amigos com os quais bebe ou por desgosto de não querer retornar para casa palco onde é encenada a tragédia interminável de sua família, cujos atores principais são seus filhos. O trecho a seguir mostra um pouco da relação do neto com o avô: “Acompanhei-o de volta para casa; nós dois juntos, abraçados, atravessamos passagens estreitas, caminhamos sobre as tábuas envergadas da cidade flutuante” (HATOUM, 2000, p.126).

Portanto, se a comparação entre o conselheiro Ayres e o amigo de todas as horas Nael, não é exatamente igual em todos os aspectos, todavia, quando se fala em presteza, amizade, solidariedade e consideração com os membros das famílias que vivem os conflitos provocados pela rivalidade de seus filhos gêmeos, a relação, se não é igual, tem bastante semelhança. É preciso considerar que, se Nael não militou na política, ele se constitui uma representação étnica, já que é fruto da mistura de raças diferentes, sua mãe é uma índia e seu pai um descendente de libaneses.

Como mencionado no início deste capítulo, as ações narradas em Esaú e Jacó, em sua maioria, acontecem nas últimas três décadas do século XIX, em momentos de mudanças políticas as quais pioraram ainda mais o já combalido sistema monárquico, que recebeu, como tiros letais e definitivos, a libertação dos escravos, depois de mais de trezentos anos de

escavidão, em 13 de maio de 1888, Lei assinada pela princesa Isabel, e a proclamação da República, pouco mais de um ano depois, em 15 de novembro de 1889. Aliás, esses dois movimentos políticos, a partir da Revolução Francesa, mais intensamente no Brasil, em meados do século XIX, passaram a andar quase juntos, uma vez que, em geral, quem era republicano também era abolicionista. Assim, lado a lado, por décadas a fio, lutaram para libertar todos os negros e derrubar o governo monárquico.

Com a mudança do regime político, com as transformações no sistema econômico, antes sustentado quase que exclusivamente pela mão-de-obra escrava, os fazendeiros começaram a ter que pagar pelos serviços de seus trabalhadores. Em *Esau e Jacó*, essas mudanças deixam claro que tais eventos ajudaram uns e prejudicaram outros. É o caso da família de Flora, de seus pais, seu Batista e sua esposa D. Claudia. Sr. Batista, até então, vivera exercendo cargos de presidente de províncias. Estas, com a república, se tornariam depois os Estados brasileiros. A família andou, então, por várias regiões do Brasil. Essas funções eram adquiridas por influência de um senador, de um ministro ou pela amizade com o Imperador. Agora, com a república, o pai de Flora perdera o antigo cargo, sendo obrigado a retornar, com toda a família, para a cidade do Rio de Janeiro e se rearticular com os membros do novo regime para, então, conseguir um novo emprego e assim sustentar a si e sua família.

É importante descrever esses detalhes acima para que se possa compreender melhor o ambiente no qual nasceu e cresceu a moça Flora, a qual, junto com a política são e serão, por todo o romance, os dois principais motivos que servirão de alimento para sustentar concretamente a rivalidade entre Pedro e Paulo, que, na verdade já existia, segundo a cabocla do morro do Castelo, desde o ventre da mãe. Flora, moça de boa família, educada, prendada, amante da música, toca piano. Entretanto, possui gestos, ações e sentimentos inexplicáveis, como veremos logo adiante. As famílias dos Santos e dos Batistas são amigas. Portanto, seria razoável todos pensarem que um relacionamento sentimental entre seus filhos seria absolutamente natural e normal. Todavia, não é o que acontece.

Flora, a quem o conselheiro Ayres atribuiu o predicado de “inexplicável”, desde a adolescência, alimenta um flerte com os gêmeos filhos de Santos e Natividade. Não obstante, assim como a política tem lados diferentes, Flora também não consegue direcionar seus sentimentos só para um dos rapazes. Ela os vê como duplos. Para ela, tanto faz namorar um como com o outro, é igual. Para a filha de Batista, eles são idênticos física e sentimentalmente. Flora sente as mesmas sensações, o mesmo prazer, os mesmos sentimentos pelos dois.

Assim sendo, a moça acirra ainda mais a também inexplicável e inconciliável rivalidade entre os irmãos gêmeos, constituindo-se no alvo de interminável disputa entre eles, nas festas, nas visitas nas quais eles faziam uns às casas dos outros, em momentos amistosos ou especiais, atraindo, então, os olhares e os cochichos de outras pessoas e, principalmente, aumentando as preocupações dos pais dos rapazes, as quais já eram bastante intensas, como bem expressa a mãe deles no trecho: “[...] mas aos 11 anos Pedro descobriu que as sombras da lua eram nuvens, e Paulo que eram falhas da nossa vista, e então se atracaram; eu é que os separei” (ASSIS, 2016, p. 91).

Porquanto, obedecendo-se ao objetivo deste primeiro capítulo e assegurando que em seu segundo, ficará ainda mais compreensível ao leitor que o desejo pelo amor de uma mulher se consubstancia também como mais um ponto de semelhança com o romance *Dois Irmãos*, no qual uma menina e depois moça é um dos motivos principais da disputa entre os irmãos rivais Yaqub e Omar. Lívia, a menina que também no início flerta com os dois ao mesmo tempo, serve de pivô para a primeira briga violenta entre eles. Por flagrá-la com Yaqub, Omar desfere no rosto do irmão rival um golpe profundo, usando um caco de vidro.

A dualidade de sentimentos de Flora parece possível ser interpretada, também, como uma metáfora exposta no romance machadiano, querendo demonstrar que, assim como ela via e sentia os gêmeos Pedro e Paulo como se fossem únicos, mesmo ela e todos sabendo que eram dois. O mesmo ocorria com os regimes da Monarquia e a República. A despeito de, por muitos anos, tais sistemas estarem em disputa, a primeira, por pressão política, estava cedendo o poder para a segunda. Na verdade, ambos os sistemas de governanças do país eram iguais, pois, assim como no jogo do amor, não há muitas diferenças entre o que é amado. No jogo do poder, na política, não há diferença no sistema que governa. O drama de Flora não seria resolvido com a escolha de apenas um dos gêmeos. Do mesmo modo, tanto a Monarquia como a República também não resolveriam os problemas, os dramas do povo brasileiro. Paulo reforça a ideia acima quando diz: “Não é esta a Republica dos meus sonhos” (ASSIS, 2016, p. 236).

Flora, atormentada pela angústia ambígua de seus sentimentos, definhou e morreu antes de encontrar uma forma humana de escolher entre um gêmeo e outro:

Aqui vai sair o caixão. Todos tiram o chapéu, logo que ele assoma à porta. Gente que passa, para. Das janelas debruça-se a vizinhança, em algumas se atopeta, por serem as famílias maiores que o espaço; às portas, os criados;

todos os olhos examinam as pessoas que pegam nas alças do caixão, Batista, Santos, Ayres, Pedro, Paulo, Nóbrega (ASSIS, 2016, p. 226).

Lívia, a jovem pivô da disputa amorosa dos gêmeos dos *Dois Irmãos* ao escolher um, se é que escolheu, teve que sofrer também outro tipo de morte. Isto é, ela teve que cortar, decepar todo e qualquer modo de suas relações com o passado. Teve que abandonar a cidade onde nasceu; viveu sua infância e adolescência, as amizades de suas amigas de escola e de brincadeiras, sua família e a do marido. Ao se casar com Yaqub às escondidas em São Paulo, teve que viver definitivamente nessa cidade até o final de seus dias, sem nunca mais ter podido nem visitar Manaus.

Depois da morte de Flora, a moça inexplicável, insondável que durante anos flertara com os gêmeos e, em nenhum momento de sua vida, decidiu-se qual deles ela gostaria de ter como unicamente seu. Eles, comovidos com as dores do luto da moça disputada por eles, na visita de cova, consternados e chorosos, como políticos que sempre foram, fazem promessas e juramentos de trégua em seus combates.

[...] Era uma promessa, um juramento. Juntaram-se e vieram descendo, calados. Antes de chegar ao portão, reduziram à palavra o gesto das mãos feito sobre a cova. Que juraram a conciliação perpétua.
- Ela nos separou - disse Pedro -; agora, que desapareceu, que nos una. Paulo confirmou de cabeça (ASSIS, 2016, p. 228).

Tais gestos chegam até a iludir muitos dos que os conheciam e sabiam de suas pendengas. Mas tudo isso logo passaria, e, pior, o mesmo compromisso de falas de apaziguamentos se repetiria lá na frente com a morte da mãe deles.

Com Flora fora definitivamente do ringue deles e também já amenizadas as dores do seu funeral, chega a hora de trabalhar. Paulo, o gêmeo revolucionário, começa a organizar sua banca de advogado, cujo objetivo era corrigir as injustiças lutando pelos direitos do povo, como profissional diplomado do Direito que é. Do mesmo modo Pedro, o conservador, organiza seu consultório médico, disposto a cuidar da saúde do povo e de todos aqueles que buscassem seus préstimos de profissional da área médica.

Por ironia ou outro modo qualquer, é o trabalho que servirá de faísca para incendiar os últimos embates entre os gêmeos dos dois romances em questão. Embora Omar nunca tenha

trabalhado, pois sua ideologia semelhante à dos hippies era contra essa atividade (*notwork*), depois que retornou das andanças que fez pelos Estados Unidos, o “hippie” voltara empolgado com a economia e riqueza daquele país: “Estou ajudando o seu Rochiram a encontrar um terreno perto do rio” (HATOUM, 2000, p. 226/227). Estas são palavras do Caçula que, de repente, resolvera associar-se a um estrangeiro que se dizia um rico empresário indiano que conheceu no bar do Hotel Amazonas e lhe propusera uma espécie de parceria para a construção de um hotel em Manaus.

Yaqub, sim, sempre fora disciplinado, estudioso, obediente, cumpridor de tarefas, tão responsável que, por seus custos e riscos, quase como fizera Paulo, gêmeo do outro romance, mudou-se para São Paulo, onde trabalhou e estudou formando-se engenheiro. Só que, para exercer a rivalidade odienta, entre ele e o irmão Omar, quando soube que este estava com planos de trabalhar no ramo hoteleiro, veio de São Paulo para Manaus, desarticulou e faliu os projetos do tal empresário indiano e do irmão rival, o que desencadeou a última briga física horrenda entre eles. Por isso, Yaqub foi esmurrado por Omar e, se não fosse o socorro de Domingas e Nael, o engenheiro teria sido assassinado pelo irmão. Depois, bastante machucado, Yaqub, às escondidas, conseguiu retornar para São Paulo e de lá nunca mais voltou. Pela agressão contra Yaqub, Omar foi preso e condenado a dois anos e sete meses de prisão. A mãe deles faleceu sem vê-los antes da morte. E assim, eles nunca mais se encontraram.

Por fim, Pedro e Paulo, cada um no seu ramo de atividades, Medicina e direito parecem ter encontrado o sucesso, tendo os dois se filiado a partidos políticos da República. Pedro, em uma legenda de princípios conservadores, e Paulo, em outra mais progressista e revolucionário. Assim, ambos se elegeram deputados e cada um assumiu uma cadeira na Câmara da capital do Brasil, proporcionando aos seus pais, amigos e a todos, no dia das posses, momentos solenes e cerimoniais com muita alegria e orgulho para quem os assistiu. Como o parlamento é um lugar natural de debates, constituiu-se seara adequada para o exercício das divergências. Prato pronto e feito para o Dr. Pedro e o Dr. Paulo. Divergir e discutir é o que eles fazem constantemente, como se observa na passagem a seguir: “[...] Paulo entrou a fazer oposição ao governo, ao passo que Pedro moderava o tom e o sentido e acabava aceitando o regime republicano, objeto de tantas desavenças” (ASSIS, 2016, p. 235-236).

“O que eu mais quero é paz entre meus filhos. Quero ver vocês juntos, aqui em casa, perto de mim... nem que seja por um dia” (HATOUM, 2000, p. 224). Estas palavras de Zana

são bastante semelhantes às aquelas já acima citadas, proferidas pela baronesa Natividade, mãe dos rivais agora deputados, que, mesmo vendo e ouvindo os apelos desta no leito de morte, algum tempo depois do luto, quando voltaram às suas atividades parlamentares, para a surpresa de muitos de seus pares, continuaram suas infundáveis pendengas, com acirrados debates e discussões um contra o outro. Assim se conclui que tanto Zana como Natividade morreram e jamais conseguiram apaziguar seus filhos rivais.

Na conclusão desta primeira parte do trabalho, pode-se afirmar que os romances *Esau e Jacó*, de autoria de Machado de Assis, e *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum, que foram escritos e publicados em períodos cujos contextos históricos são diferentes, em termo de tempo cronológico, não são completamente distantes um do outro. Concentram-se ambos no perfil, nas ações, no comportamento de vida familiar, sentimental, social e político de seus personagens. Na essência há muitas semelhanças, algumas das quais foram aqui destacadas, analisadas, comentadas com o cuidado devido.

3. OMAR, O HIPPIE, E YAQUB, O MILITAR

Dois Irmãos possui em seu enredo, como conflito central, o embate inconciliável entre os irmãos gêmeos Omar e Yaqub. Eles são filhos de um casal de imigrantes libaneses, Halim e Zana, que, para Manaus, a exemplo de muitos outros patrícios, migraram entre o final do século XIX e início do XX, e se estabeleceram como comerciantes no centro da cidade, mais precisamente nas imediações da Igreja dos Remédios, próximo à zona portuária e do igarapé dos educandos, onde seus dois meninos passearam e brincaram durante a infância.

Nael é o narrador das histórias de vida de todos os personagens do romance. Vai ser pelo avô ou pela voz de outros que de perto se relacionaram com o casal de libaneses, que Nael conheceu, viu e contou a trajetória das vidas de todos daquela família: Halim se apaixonara, depois conquistou e se casou com Zana, mas nunca desejou com ela ter filhos. Entretanto, quando da notícia da morte de Galib, pai de Zana, Halim como fizera a vida inteira, cedeu à vontade da esposa de engravidar, o que aconteceu pouco tempo depois. Ela engravidou e depois pariu dois meninos, Yaqub veio à luz por primeiro, em seguida Omar, que, até por isso, passou a ser também chamado de Caçula.

“Os dois nasceram perdidos”, palavras de Domingas, a índia agregada da família. (HATOUM, 2000, p. 178). Os gêmeos nasceram em tempo de revoluções. Período de grande turbulência política, social e econômica que gerou conflitos, os quais iriam provocar muitas mudanças, marcando e transformando todo o século XX, assim como as vidas de todos os seres humanos que nasceram ou viveram naqueles anos, principalmente do lado ocidental. Dessa forma, como milhares de outros de seus contemporâneos, os irmãos gêmeos foram agentes e vítimas das duas principais correntes ideológicas que se confrontaram durante uma nova guerra iniciada logo depois da segunda Guerra Mundial, a chamada Guerra Fria.

Como se não bastasse, logo depois da derrota dos alemães e vitória dos aliados, em 1945, inicia-se uma espécie de terceira guerra, a qual ficou conhecida como Guerra Fria. Esta, mais dissimulada, fingindo-se de silenciosa, porém, tão cruel e devastadora quanto as demais, já que ceifou milhares de vidas, invadiu países, transgrediu leis, desrespeitou direitos, transformou o mapa geopolítico do planeta. Iniciou-se com uma disputa entre duas nações cujos desejos, cada uma a seu modo, era propagar seus regimes: Estados Unidos – Capitalismo; União Soviética – Comunismo. Assim sendo, as disputas e os conflitos dessa

guerra duraram tanto quanto durou a rivalidade e os confrontos entre os gêmeos do romance *Dois Irmãos*, ou seja, mais de meio século da vida deles (KOSHIBA, 2009).

De um lado, os Estados Unidos da América; do outro, a União Soviética, potências de ideologias antagônicas que usaram o militarismo como principal instrumento de ataques e de ocupações nas disputas de poder e dominação geopolítica e econômica. Os Estados Unidos, apoiados pela Organização Tratado do Atlântico Norte(OTAN), criada em abril de 1949, pelo Tratado de Washington, e o rival também uma nação gigante formada por várias repúblicas e com arsenal também muito poderoso.

A intenção principal dos ianques era preservar, proteger e expandir a ideologia capitalista, bloqueando, impedindo qualquer tentativa expansionista do rival comunismo soviético (PILETTI, ARRUDA, 2015).

Essa disputa, conquanto fosse silenciosa, era muito perigosa para a tranquilidade do mundo. Por isso, intensificaram-se, mundo afora, muitos movimentos contrários, como o dos hippies, surgidos e difundidos pelas cidades norte-americanas, e que aos poucos se espalharam pelo planeta, contrapondo-se a tal Guerra. Seus protestos começaram em pequenos grupos, depois foram aumentando. Protestavam de várias formas contra qualquer tipo de sistema, de instituição, de organizações vigentes que, de algum modo, mantivessem ou contribuíssem com o *status quo*, já que, na visão deles, eram estas os responsáveis pelo surgimento das guerras, pelo acúmulo de riquezas, pelo modelo de vida opressora, não libertária, que impedia os meios de o homem viver bem, satisfazer seus prazeres e, assim, ser feliz.

Dessa forma, à semelhança daquelas duas nações acima citadas que se digladiavam defendendo suas ideologias nas arenas do mundo, gerando conflitos políticos, econômicos, sobretudo bélicos, que mutilaram e destruíram milhares de vidas em várias partes do mundo, por analogia, também o fizeram os irmãos gêmeos do romance *Dois Irmãos*. Omar e Yaqub, numa disputa, numa rivalidade, numa guerra infindável, se destruíram e destruíram as vidas se não de todos, mas de quase todos os membros da família. Omar, um desobediente, um avesso às regras, adotou a rebeldia, a revolta, a defesa inegociável da realização de seus instintos. Assim sendo, comportava-se de forma completamente oposta ao irmão. Cultivando uma incompatibilidade com Yaqub, essa diferença de ser e de se comportar construiu um inesgotável paiol de armas e estratégias para, então, manter uma interminável guerra entre eles. O Caçula brigava com tudo e com todos pela satisfação de seus prazeres.

“Omar, quer viver com emoção. Ele não abre mão disso, quer sentir emoção em cada instante da vida” (HATOUM, 2000, p. 122). Esse desabafo do pai Halim sobre o comportamento do filho já resume suas semelhanças com os hippies, que, aos poucos, no corpo deste capítulo serão pontuadas. Os hippies, para viver uma vida libertária, começavam por abandonar suas casas tornando-se perambulantes. Vagavam pelas ruas, pelas praças, pelos parques das cidades do mundo adotando sempre um estilo de vida transgressor, passional, quebrando qualquer regra que lhes impusessem. Esses andarilhos, então, passam a seguir alguns dos principais princípios ditados e difundidos por Herbert Marcuse, filósofo alemão que se tornou um dos guias do movimento. O slogan “Notwork” é apenas um dos exemplos.

Halim e Zana, os pais do rebelde Omar, foram comerciantes a vida inteira. Halim iniciou como mascate, vendendo bugigangas de porta em porta das casas da cidade de Manaus. Depois se fixou num estabelecimento comercial na Rua dos Barés. Omar muitas vezes foi convidado e cobrado pelo pai, pela mãe até pela única irmã Rânia, que também trabalhava na loja dos pais, para que ele participasse das atividades comerciais da família. Omar, contudo, nunca pôs os pés sequer uma única vez, nem por visita, na loja da família. Isso prova sua adesão ao tal movimento dos hippies, os quais assim agiam como uma forma de retaliação ao progresso, já que o trabalho desgasta, consome energia mental e corporal, toma o tempo da vida de prazeres, sem contar que gera riquezas para serem usadas no financiamento das guerras, que perturbam a paz e o amor, destroem e impossibilitam o trânsito da vida em sua plenitude.

Assim sendo, essa recusa ao trabalho já demonstra uma falta de compromisso de Omar com outros deveres sociais e familiares. Aos poucos, ele vai manifestando outras formas e tipos diferentes de protestos. Um desses é o descuido com a aparência vestual. Outro é com a higiene corporal. Os hippies vestiam-se com roupas incomuns, de tecidos não muito convencionais, de cores chamativas beirando a extravagância. Não calçavam sapatos. Alguns adotavam o tênis, outros, sandálias tipo alpercatas, havendo ainda aqueles que andavam mesmo descalços. Os cabelos eram compridos, quase sempre desalinhados, queimados de sol, com formas e volumes completamente em desacordo com o usual. A barba também contrariava o comum, quase sempre de tamanho exagerado, descuidada e por vezes malcheirosa. Não usavam perfumes e até o banho costumava não ser rotineiro (PILETTI; ARRUDA, 2015).

Essas ações, atitudes, modos e formas de comportamento gestual e de repulsa ao trabalho também são bastante peculiares e claramente visíveis no perfil de conduta de Omar.

Zana, sua mãe, diz: “[...] debes procurar um emprego e parar com essa mania de desocupado” (HATOUM, 2000, p.221). Mais adiante, o narrador relata que Rânia convida Omar para trabalhar na loja deles, e ele a rechaça veementemente: “Trabalhar contigo? Não sabes dar um passo sem consultar o teu irmão” (HATOUM, 2000, p. 222). O desleixo com a aparência está também muito bem realçado em várias outras passagens da narrativa romanesca. Zana tenta pentear-lhe a barba grisalha e acaricia sua careca feridenta. Logo adiante, a mãe dele repete a crítica em forma de desabafo: “Só tu não mudas, Omar. Contínuas um trapo, olha tua roupa, teu cabelo. A hora que tu chegas a casa” (HATOUM, 2000, p. 223). E assim, cada vez mais, vai ficando claramente caracterizada a identificação de Omar com a postura dos hippies.

Enquanto Omar vai se caracterizando como um desobediente à civilização, Yaqub é o oposto. Demonstra frieza, introspecção, responsabilidade com as tarefas. É calculista, com talento para a obediência e disciplina, características que nele vão se tornando peculiares. Em casa, é um enclausurado, introspectivo, um montador de estratégias como um militar em sua caserna. Na escola, age e comporta-se como máquina cuja atenção e a disciplina absorvem quase com perfeição tudo que lhe é ensinado, principalmente a Matemática. Algumas dessas suas características já mencionadas foram postas à prova em Yaqub, quando ele teve o rosto cortado pelo irmão rival, com um pedaço de vidro, numa tarde na qual ele assistia a um filme ao lado de Livia e de outros garotos e garotas da vizinhança, na casa de dona Estelita, uma senhora que até então ainda era amiga da mãe dos gêmeos brigões.

Esse sinistro marca o primeiro embate corporal de violência explícita entre os dois rivais, que aterrorizou e frustrou a tarde de lazer de todos que ali se deliciavam naquela matinê. Omar, o agressor, nada sofreu, mas Yaqub sim. Além da dor do ferimento, do sangue derramado, dos danos físico e emocional, a marca do golpe no rosto, o constrangimento passado diante de colegas e da vizinhança. Todos esses sofrimentos provocados pelo golpe que iria marcar seu rosto e sua vida por toda sua existência, Yaqub, ainda assim, foi por decisão de seus pais, Halim e Zana, mais por decisão de Zana, deportado para o outro lado do oceano, para uma aldeia no Líbano, um lugar montanhoso, onde ainda por lá moravam alguns dos parentes de Halim, conforme relatos seguintes: “Quando viajei para o Líbano sentia falta dele. Era quase um menino, não queria ir embora. Seu Halim foi um molenga com a mulher, deixou o filho viajar sozinho. O Omar ficou embaixo da saia da mãe, contou Domingas.” (HATOUM, 2000, p. 77).

Desse modo, Yaqub recebe uma pena mesmo sendo a vítima. Porém, o menino obedece ao castigo do exílio, como se fosse um militar em missão. Não questiona, não discute

e muito menos reclama de alguma pedra em seu calvário. Assim, o gêmeo, ainda garoto, só obedeceu, impávido, calado, valente, como um soldado que não teme diante da iminência de um grande combate. Embarca, viaja ao destino determinado pelos pais, ao qual chega e por lá permanece durante cinco anos. Ele enfrenta suas agruras, os desafios, as dificuldades do clima, dos costumes locais, a saudade e as lembranças, aquela incessante agonia provocada pelo brusco afastamento e pela distância dos seus e de sua Manaus. No entanto, nada o derruba. O garoto comporta-se como se homem feito o fosse, enfrentando e sobrevivendo a tudo e a todos com altivez e resignação.

No retorno do desterro de Yaqub, Halim foi receber o filho, que, por cinco anos, de sua casa e de seus olhos se ausentara. O gêmeo desembarcou no cais da cidade do Rio de Janeiro. Exatamente no dia e momento da chegada do navio que trouxe de volta o já agora jovem rapaz Yaqub, está aportando também naquele mesmo trapiche, outro navio, que trazia abordo como viajantes os brasileiros sobreviventes da segunda guerra, aqueles que, antes, também partiram sem querer partir e sem saber se um dia ainda a sua terra natal voltariam, eram os militares da Força Expedicionária Brasileira (FEB).

Essa cena do desembarque dos passageiros dos dois navios no cais da Praça Mauá é curiosa e inusitada, de tão militarizada que foi. Halim chega a se confundir e perder o filho de vista. Yaqub se mistura em meio às cores verde-oliva da farda e das bagagens dos agora expedicionários, pois, além das transformações físicas como a estatura e a aparência que naturalmente estavam mudadas, o jovem exilado também desembarcou vestido com uma jaqueta, que, mesmo surrada e desbotada por muito uso, se não era da mesma cor, muito se aproximava do mesmo tom daquele verde militarista visto no traje dos que naquela mesma data para casa alegres, felizes e vitoriosos voltavam.

Enquanto isso em Manaus, cenário original da guerra dos irmãos gêmeos, Omar também cresceu e encorpou. Mesmo jovem já é um veterano e conhecido boêmio dos bares e de muitos clubes noturnos da cidade. Deixando claro em seu comportamento, sua plena desenvoltura e capacidade de, sem nenhuma censura ética e moral, mostrar sua pretensão de se contrapor as ditas instituições sociais e de Estado estudadas em “Os Aparelhos Ideológicos de Estado”, de Althusser que aponta a família, a escola, a igreja, o Exército, as prisões, as polícias e a Justiça, como sendo instituições formadoras e repressoras de ideologias, que compõem e sustentam a hegemonia do Estado, o qual por meio destas, domina, controla e oprime, impede os indivíduos de realmente serem e viverem a seu bel-prazer, opondo-se a

tudo aquilo que lhes impeçam o prazer, e assim, tornando amargos os sabores doces que podem propiciar a felicidade deles.

Aliás, a atuação dessas instituições acima referidas vai de encontro a vários dos ideários defendidos e praticados nas trincheiras das lutas dos hippies. A família tornou-se logo o primeiro e o permanente alvo das rebeldias e do desregramento de Omar. Quanto à igreja, o narrador do romance não realça e nem privilegia nenhuma passagem importante do caçula contra ou favor da religião. Para Omar, parece ser algo indiferente, apesar de ele ter nascido e crescido nas imediações da paróquia da Igreja dos Remédios, onde seus pais Halim e Zana se casaram e onde depois Halim levou seu neto Nael, o narrador da trágica história da família para ser batizado. Não obstante, Omar, em seus momentos de fúria, de revolta extrema, que atingiam em cheio a vida de todos da casa, quebrava, destruía móveis, objetos queridos como quadros de retratos dos irmãos, dos pais, dos ancestrais dos libaneses e também as imagens das santas e santos respeitados e venerados pela mãe Zana, que era cristã. Por isso, ela os dispunha nas paredes ou noutros lugares da casa onde, por incontáveis vezes, rezou pelo próprio filho rebelde.

Já a escola, esta sim, foi outra instituição alvo preferido das rebeldias e das ações desregradas do Caçula. Indisciplinado, desobediente, insubordinado, burlão das regras, dos princípios e dos fundamentos didático-pedagógicos, já que não respeitava os colegas, jamais atendia às orientações dos professores, era sempre motivo dos inúteis conselhos e ralhos dos mestres. Afrontava constantemente a presença e a autoridade do diretor, mesmo que, desde as primeiras séries, tenha estudado em escolas religiosas cuja organização e direção sempre estiveram a cargo dos respeitados e reconhecidos educadores salesianos, seguidores de São João Bosco.

Para desenhar o sofrível histórico escolar do gêmeo de comportamento de hippie, basta lembrar que, depois de sucessivos conflitos entre ele e o padre Bolislau, seu professor de Matemática, Omar, em plena sala de aula, na presença da maioria dos colegas de classe, levantou-se de sua carteira, caminhou até a frente e, inesperadamente, desferiu um soco direto no rosto e um chute nos testículos de Bolislau, que desmoronou, aos gritos de insuportável dor, no chão do piso da sala. Esse intolerável episódio remete às divergências de ideologias, sobre as quais Althusser assim se manifesta:

Será útil referir que esta determinação do duplo funcionamento (de maneira prevalente e de maneira secundária) pela repressão e pela ideologia,

consoante se trata do aparelho (repressivo) de Estado ou dos aparelhos Ideológicos de Estado, permite compreender o fato de constantemente combinações muito subtis explícitas ou tácitas entre o jogo do aparelho (repressivo) do Estado e o jogo dos Aparelhos Ideológicos de Estado? A vida quotidiana oferece-nos inúmeros exemplos disto que é preciso estudar em pormenor para irmos mais além da simples observação (ALTHUSSER, 2014, p. 48-49).

Por isso, esse violento episódio de desrespeito e insubordinação demonstrará o caráter duplo dos Aparelhos Ideológicos/repressivos de Estado ou privado. O terrível episódio foi a gota d'água para um problemático desfecho. Mesmo com as lágrimas da mãe leoa Zana, o padre diretor (autoridade) da instituição educacional ofendida pela agressão e ousadia do tal estudante indisciplinado, dessa vez, não perdoou. Expulsou Omar da escola. Essa expulsão sumária da instituição dos padres religiosos ajudou a empurrar o rebelde para o “gaiola dos vândalos”, nome pejorativo da Escola Estadual Rui Barbosa, localizada na Avenida Sete de Setembro, em frente à Praça Heliodoro Balbi, bastante conhecida hoje como Praça da Polícia. O gaiola era um lugar muito conhecido pela classe estudantil da época, como símbolo da desordem, da indisciplina, onde o pior aluno teria muito que se esforçar para ser reprovado. Entretanto, foi lá que o Caçula encontrou seu habitat ideal, enturmou-se com rara facilidade, principalmente no grupo dos simpatizantes e fãs de Antenor Laval, poeta, professor de Francês que se utilizava da Literatura Francesa para ilustrar suas aulas. Adotava também, como metodologia, declamações de poemas de poetas franceses, principalmente dos chamados malditos, e às vezes declamava alguns de sua própria lavra. Laval era um esquerdista, um inadequado ao seu tempo. Aveso também a comportamentos comuns era boêmio, amante do álcool e das mulheres. Com ele, então, Omar logo vai identificar-se e, assim, tornar-se um de seus melhores amigos e parceiros de farras em noitadas intermináveis, que só serão interrompidas com a morte bruta, trágica do tal mestre, a qual será bem melhor descrita mais adiante.

Na outra trincheira, sempre ao contrário do Caçula, Yaqub, ao voltar do exílio no Líbano, retorna à escola e, com sua usual disciplina e determinação de militar, mesmo com visíveis dificuldades de fala e pronúncia de muitas palavras em português, o que lhe valeu até algumas situações constrangedoras, diante da família e dos colegas da escola, não se abateu, nada reclamou, nada questionou. Esforçou-se ainda mais, enclausurava-se em seu quarto, lendo, pesquisando, desvendando e engendrando fórmulas matemática se, em pouco tempo, já

se tornou de novo o melhor aluno da turma, note-se, estudando e frequentando o mesmo colégio do qual o irmão rival havia sido expulso.

Doravante, sempre pressionados pela rivalidade dos filhos, numa tentativa de agradá-los, seus pais decidiram presentear os dois irmãos gêmeos com bicicletas, uma para cada um. Omar aceitou a dele e com ela passeava, desfilava galante e faceiro pelas ruas de Manaus. Mas Yaqub não, ele recusou o presente, não era mais fã de brincadeiras, de certas diversões, seu brinquedo preferido, mais que antes, eram os livros e os estudos. Como ele já estava cursando o último ano do colegial, o que corresponde hoje ao Ensino Médio, preferiu trocar o veículo de duas rodas oferecido como presente pelos pais, por uma farda de gala de oficial do Exército brasileiro, pois ele queria vesti-la no desfile na parada estudantil no dia sete de setembro, na Avenida Eduardo Ribeiro, no centro da cidade. Essa atitude tinha a clara intenção de que todos o vissem desfilando na festa do aniversário da independência, além de ser, para ele, um digno gesto de despedida da escola e de Manaus. E foi o que realmente aconteceu, pois o futuro matemático alimentava, mesmo às escondidas de quase todos de casa e dos conhecidos, a ousada pretensão de se mudar para São Paulo, para estudar Engenharia, seguindo conselhos exatamente do padre professor agredido pelo irmão rival Omar, o que de verdade o fez no início do ano seguinte.

Do outro lado, o caráter notívago de vida libertária de Omar continuava regado a álcool, a festas variadas. Os moldes desregrados do estilo dos hippies tornavam-se quase que rotina na vida dele, confirmando, assim, o estilo dos andarilhos, principalmente depois de se desgastarem suas relações familiares e, por isso, abandonarem suas casas e suas famílias. Então, reunidos em pequenos ou em grandes grupos, principalmente nos anos iniciais do movimento nos Estados Unidos, realizavam verdadeiras orgias, que se tornaram comuns nas ruas, nas praças, nos parques, ou até em determinados clubes das cidades. Depois dos bacanais, quase sempre terminavam em conflitos, com brigas e confrontos violentos com a polícia norte-americana. Os rebeldes faziam tudo como se fosse uma expressão de revolta, esbaldando-se nas bebidas, nas drogas leves e pesadas, misturadas com muito sexo, com músicas de protestos. Esses episódios de caráter radical, muitas vezes, tanto do lado dos hippies, como do lado da polícia, terminavam com ambos machucados e, em muitas ocasiões, com perda, inclusive, de vidas.

Aliás, as farras e as noitadas do Caçula não ficavam muito longe desse nível. Basta lembrar, inicialmente, o episódio da mulher prateada, quando, numa certa noite, Omar trouxe uma caloura para dentro de casa. A tal jovem morava ali mesmo pela vizinhança dos

libaneses: “Dançaram ao redor do altar, fumaram narguilé e beberam à vontade” (HATOUM, 2000, p. 91-92). Depois, nus, grudaram-se sobre o estofado da sala, até que, com seus corpos extenuados do coito e entorpecidos de arak, adormecerem lá. De manhã, roupas espalhadas no assoalho, móveis, quadros e imagens fora de lugar, até a bíblia do oráculo teve sua integridade atingida. Cedo, Halim, ao descer as escadas que davam acesso à sala da casa, deparou-se com os rastros e os destroços do erótico quadro. A moça acordou, Halim esperou que ela se compusesse. Constrangida, ela logo se evadiu. O pai desceu os degraus calmamente, aproximou-se do filho escornado e completamente despido, que fingia dormir naquele sofá. Halim arrastou o farrista aos sopapos, deu-lhe um murro com força de touro no rosto e, depois de xingá-lo à vontade, acorrentou-o na alça do cofre de aço, ali perto. Depois do feito, o comerciante sumiu de casa com a chave do cadeado que unia as correntes, deixando o devasso exposto aos olhos e aos ouvidos de todos da casa, já que o farrista passou acorrentado lá durante dois dias. Só restou ao boêmio ficar reclamando, rosnando, urrando e implorando para que o soltassem (HATOUM, 2000, p. 92).

No entanto, essa lição de nada lhe valeu. O rebelde segue demonstrando outras evidentes características ideológicas e comportamentais comuns nos hippies, como a disposição para constantes cenas de revolta, para quebra das regras, para desrespeito com família. A quase permanente necessidade de se entorpecer. A obsessão pelo prazer sem hora e sem lugar definidos. A cena acima descrita, no tempo cronológico do romance, data de meados dos anos de 1950. Portanto, levar uma moça solteira para dentro da casa dos pais era bastante incomum para os padrões de comportamento de um jovem qualquer, sendo ele rico ou pobre. Tal comportamento constituía uma afronta à moral e aos bons costumes. Assim, a ousadia de Omar põe à mostra um tipo de ideologia, de comportamento deliberado, premeditado, pensado e articulado do “É proibido proibir”, adotado por um movimento político-ideológico pensado, idealizado, que se tornara forte e de enorme persuasão como o dos hippies.

Nota-se, então, que esse eixo de interpretação vai se ampliando e se aprofundando no romance *Dois Irmãos*, à medida que se vai aplicando o método da análise comparativa entre a conduta, o modo de pensar, de agir e de ver o mundo de Omar, com a turma dos andarilhos cuja bandeira era mais um dos slogans criados por Herbert Marcuse: “faça amor, não faça guerra”.

Enquanto Omar faz tudo isso, Yaqub, o rival do farrista, muda de arena. Muda-se para São Paulo. E por lá, mesmo sem a ajuda dos pais e praticamente de ninguém, apenas se

utilizando das suas qualidades de militar, como a determinação, a disciplina, a obediência às obrigações diárias, ele organiza outras trincheiras. Começa trabalhando como professor de Matemática para vestibulandos, depois ingressa na Escola Politécnica Paulista, estuda, torna-se engenheiro e passa a trabalhar como arquiteto na construção civil.

O agora arquiteto Yaqub, então, planejou e realizou, às escondidas de todos, principalmente de sua família, tudo à moda de um tenaz discípulo da caserna, seu casamento com Lívia. A antes menina, que agora já é moça feita, fruto belo e saboroso na árvore da disputa dele com o irmão rebelde, fora o pivô do acirramento da guerra entre eles e também serviu de gota d'água para que Yaqub, lá atrás, fosse deportado para o Líbano por seus pais.

Assim sendo, depois de muita luta, muito esforço, muitos estudos, estava casado. Colecionava uma soma de estratégias com trabalho e sofrimento também, visto que derramara até seu próprio sangue. Como fora dito anteriormente, por causa de Lívia, recebera o corte no rosto deferido pelo irmão rival naquela sinistra tarde de matinê na casa da vizinha deles, dona Estelita. Com o casamento consumado, começa a vir o sucesso profissional e financeiro. Assim, Yaqub vence aquela longa batalha e agora tem e terá, em seus braços, em sua própria casa, todos os dias, todas as noites, algo muito querido e disputado por eles, o amor de Lívia, a paixão de infância, que o Caçula, o valentão, naquela grande batalha, perdera. Restava, assim, ao rebelde apenas o contra-ataque, à moda de sua ideologia, pois os hippies, desde os seus primórdios, quando eram atacados pelas forças institucionais do Estado, iam para o confronto, também agrediam, defendiam-se reagindo das formas, do jeito e maneiras que estavam ao alcance deles. Basta que se lembre das passeatas, como as de maio de 1968 em Paris, de grandes concentrações que se misturavam com outros movimentos populares ou estudantis, os quais, quase sempre, terminavam com confrontos físicos, com ferimentos, quebra-quebras, muita destruição, significativas perdas materiais e até mortes, já que tudo era válido se usado contra os conservadores, defensores daquela sociedade vista por eles como retrógrada e consumista.

Omar, depois de constantemente se opor, confrontar-se, desobedecer, expondo suas revoltas, sua intransigência com as regras disciplinares da escola, desdenhando, desvalorizando-a, desprezando-a, já se mostrava completamente desgastado com as relações familiares, saturadas pelos estragos provocados pela rotina de bebedeiras, noitadas de farras e orgias de vários tipos. Àquela altura, suas atitudes não eram mais suportadas por praticamente todos os membros de casa, inclusive por sua própria mãe, a quem ele, nas tradicionais festas de aniversário dela, chamava de rainha. Ele agora vai começar a se identificar com uma das

mais fortes e constantes características dos hippies: o abandono de casa. Assim, ele vai desligar-se do lar, sair da convivência familiar; vai de vez perambular, andar e percorrer as estradas do mundo.

Como as notícias vindas da vida de Yaqub, agora como engenheiro e homem de negócios, casado, eram boas e sempre promissoras, pois o arquiteto caminhava em direção ao sucesso familiar e financeiro, isso contrariava a causa dos hippies, que eram contra o trabalho. Segundo a obra de *Marcuse* já mencionada anteriormente, o trabalho, além de inibir o prazer, gerava riquezas para o financiamento das guerras. No entanto, Halim e Zana, em mais uma tentativa de mudar o rumo até então desastroso da vida do Caçula, resolvem enviá-lo para São Paulo: “Vais estudar em São Paulo, vais ter que dar duro que nem teu irmão” (HATOUM, 2000, p.106).

Os libaneses fizeram isso na vã esperança de os dois irmãos, mesmo com suas “ideologias” completamente opostas, por lá se entendessem. Porém, Omar, como todo rebelde que se preza, não conhece o verbo aceitar, mas, ainda assim, por conveniência, concordou. Viaja, então, para a terra da garoa, para, na verdade, apenas corresponder à ilusão dos pais que, por amor aos filhos, pela ingenuidade ou desespero, ainda tentam acreditar que o Caçula, longe de tudo e de todos de Manaus, talvez convivendo em outros ambientes pelo mundo, enfim, mudasse. Não obstante, em verdade mesmo, a ida do farrista para a capital paulista não passou de mais uma inútil tentativa dos pais dele.

A decepção ficou mesmo confirmada, quando, em conversas de Yaqub com seu pai, o engenheiro desabafa: “Um mal-agradecido, um primitivo, um irracional, estragado até o tutano. Fez pouco de mim e da minha mulher” (HATOUM, 2000, p. 91) e ainda continua: “Durante cem dias teu filho foi disciplinado como nunca tinha sido em trinta anos, mas foram cem dias de farsa” (HATOUM, 2000, p. 92). Assim se percebe claramente que o comportamento mantido por Omar era desaprovado por seu irmão. Yaqub contou também que, nos primeiros seis meses da estada de Omar na terra da garoa, o peludinho, como Zana o chamava, adotara, como estilo de comportamento, à moda do conhecido slogan hippie: *Paz e Amor*. Morou hospedado num quarto de pensão, onde ficava o maior tempo possível, frequentou a escola e até assistiu às aulas. Alimentava-se e passeava sempre nas proximidades do bairro onde morava, demonstrando uma estratégia aparentemente pacífica. Entretanto, essa falsa trégua do combate entre eles durou até o dia no qual Yaqub mandou que sua empregada, uma jovem modesta, porém, com alguns dotes de beleza e sensualidade até interessantes, fosse até a pensão onde morava o Caçula e lhe entregasse uns doces e outras guloseimas

enviadas por Zana, vindos de Manaus; Segundo relatos da própria emissária, no retorno da missão, os petiscos teriam sido recebidos com fartos elogios, fruto da satisfação de Omar em degustá-los, o que fez até com certa voracidade, disse ela.

Só que a referida entrega das encomendas de Zana serviu também de faísca para reacender o paiol bélico da guerra entre os irmãos rivais. O rebelde, usando seu tradicional charme, seu repertório de sedutor notívago das farras e orgias da vida mundana de Manaus, jogou seu anzol com iscas temperadas de “amor”, sexo e outras fantasias e, até sem muito esforço, fisionou a tal moça, que até então cuidava dos serviços domésticos da casa do oponente. Yaqub e sua esposa Lívia depositavam boa confiança na moça, tanta que o casal, ao decidir viajar em passeio, aproveitando um feriado prolongado, incluindo o final de semana, entregara a guarda e os cuidados da casa deles à referida doméstica. O Caçula, percebendo a oportunidade proporcionada pelo adversário, aproveitou-se do espaço daquele novo ringue e o atacou sem piedade, como fazem aqueles guerreiros que, mesmo sabendo das dificuldades e possibilidades de abater seu oponente em definitivo, assim como os monstros da Guerra Fria, por exemplo, procura atingi-lo em sua honra, em seus princípios e valores mais pessoais, mais íntimos, ligados a tudo que lhe é muito precioso, como o lar e o patrimônio de sua família.

Desse modo, então, durou cem dias o tempo de trégua do rebelde com o irmão rival. Ele esperou um momento oportuno e, quando constatou a ausência de Yaqub e de sua esposa, que até então haviam vivido tranquilos em sua residência, ao estilo tradicional da sociedade paulistana, promoveu seu ataque. O farrista, usando as facilidades deixadas pela empregada, já por ele seduzida e que, naquele feriado, estava como guardiã da casa de Yaqub e Lívia, entrou e se pôs no interior do imóvel. Dominou seus espaços, mapeou os móveis, os objetos, os enfeites e os adereços. Depois, passou a desfrutar dos beijos, dos abraços, fartou-se sexualmente da jovem, até ambos ficarem exaustos, tanto que a moça dormiu profundamente em um dos cômodos da casa, deixando os demais espaços livres, para que o hippie revoltado executasse seu plano de retaliação contra seus donos. Assim, o rebelde destruiu quase tudo que ao modelo profissional-capitalista o irmão rival teria construído, porque patrimônio material contrariava os princípios e regras da ideologia hippie, perenizando o *status quo*, e construía barreiras que impossibilitavam a vida libertária a qual os membros do movimento desejavam e adotavam como caminho único de obter prazer e felicidade.

Além do desfrute sexual com a empregada do rival, o Caçula satisfez seu desejo de demolidor. Fartou-se com várias horas de orgia, sentindo-se à vontade, pois teve, em suas mãos, o completo domínio da área preciosa do oponente. Assim, inicia seu plano de

destruição material, provocando prejuízos financeiros, além de danificar coisas de bastante significado pessoal para o rival, já que ele violou, quebrou, destruiu, mutilou objetos de rara estima e valor sentimental do casal, como os quadros de fotografias do namoro e do casamento de Yaqub e Lívia. Para isso, o rebelde incorporou o velho espírito de vandalismo dos iniciadores do movimento hippie, ainda lá das passeatas e dos confrontos iniciais com a polícia nas ruas das cidades norte-americanas. Desse modo, depredou praticamente tudo que encontrou exposto, organizado e guardado com zelo e estimação pelos donos da casa, tripudiando e desonrando o território do irmão inimigo.

Para completar o ataque, aproveitando-se de suas semelhanças físicas com o oponente, o invasor furtou os documentos do irmão gêmeo, incluindo o passaporte, e 820 dólares, que o engenheiro guardava entre as páginas de um de seus bons livros de cálculos. O invasor acabou deixando de propósito, em outro livro, as notas de um dólar que ele não quis levar por considerá-las de pouco valor. Assim, apropriou-se dos documentos e de dinheiro suficiente para lhe servirem numa viagem de aventuras aos Estados Unidos da América, disfarçado de Yaqub, pois, deste, Omar ainda levava uma gravata de seda e duas camisas de linho irlandês.

A partir desta viagem, o Caçula demonstrará mais outra importante e conhecida característica dos hippies, a perambulância. Vai dividir o mundo em estradas e nelas vai construir outros tipos de trincheiras. Não serão andanças à toa, para esquecer ou se esconder dos confrontos e brigas de até então. O Peludinho viaja para os Estados Unidos, que, por coincidência ou não, é o berço do movimento da ideologia dos hippies. Segundo seus seguidores, tal ideologia sempre representara uma oposição a todos aqueles que teimam em manter e alimentar um mundo injusto, cruel, que nega e elimina qualquer possibilidade de os jovens serem felizes.

Também é interessante anotar que, além de Omar, agora ser um andarilho de fato, ainda escolhera viajar para Estados Unidos, berço dos hippies, e considerado um dos países mais multiculturalistas do mundo. Ele fez questão também de perambular por estados e cidades bastante simbólicas do ponto de vista dos movimentos de resistência racial, cultural e política. Isso fica bastante evidente nos textos enviados nos cartões-postais que o rebelde envia para o irmão inimigo, como se transcreve a seguir:

Querido mano e cunhada, Luisiana é a América em estado bruto e mesmo brutal, e o Mississippi é o Amazonas desta paragem. Por que não dão uma voltinha por aqui? Mesmo selvagem, Louisiana é mais civilizada que vocês dois juntos. Se vierem tratem de pintar o cabelo de loiro, assim vão ser

superiores em tudo. Mano, a tua mulher, que já foi bonita, pode rejuvenescer com o cabelo dourado. E tu podes enriquecer muito aqui na América. Abraços do mano e cunhado Omar. (HATOUM, 2000, p. 122)

Está clara a forma sarcástica que o rebelde utiliza para dar essas “notícias”, que são como se fossem torpedos ferinos para atingir o irmão rival e, assim, continuar a guerra entre eles. As mensagens nos cartões denunciam sua passagem por vários lugares do rio Mississipi, por exemplo. New Orleans, paragens de grande tradição do blues, ritmo musical que as grandes bandas de músicos negros usavam como expressão e manifestação de resistência na luta contra o racismo e de outros movimentos de contracultura, que, ainda naquele momento e em outros mais adiante, estavam no topo da agenda das lutas sociais da sociedade norte-americana. Para ilustrar ainda mais as andanças do Caçula, a narrativa romanesca de *Dois Irmãos* dá conta de que o andarilho Omar passou por vários outros lugares da América do Norte, desfrutando, esbaldando-se nas festas, nas farras, nas noitadas dos clubes e em outros ambientes, conhecendo e constatando as potencialidades econômicas, culturais, sociais e políticas norte-americanas, tanto que chega a usá-las ironicamente para desdenhar e afrontar o irmão, seu predileto adversário.

É o próprio Yaqub que, em tom ríspido de desabafo, cinco ou seis anos depois, numa de suas visitas a Manaus, que relata ao pai, Halim, as peripécias do Caçula. Ao contrário do que pensara a família, o rebelde, em São Paulo, pouco estudara, não trabalhara. O que fizera, além de lhe dar prejuízos e causar-lhe vergonha e desonra, fora perambular pela América do Norte, de onde voltara, inclusive, até arremedando algumas palavras e frases do idioma de lá, o que era muito comum no convívio entre os hippies. Nessa ocasião, já nos anos de 1960, os hippies vão intensificar muito mais suas lutas em praticamente todo o mundo, já que sua ideologia espalhou-se mundo afora, conseguindo milhões de adeptos, principalmente nas maiores cidades dos países de maior importância no contexto da formação ideológica das massas, em todo o globo terrestre.

Contudo, Yaqub, nessa mesma visita que fez à família em Manaus, depois de ter se recuperado das agressões e prejuízos provocados pelo irmão rival, pois, na época, até se mudara de casa e de bairro, com a esposa, comprara móveis novos, restabelecera-se até em melhores condições do que antes. Ele mostrou e mostrará, mais outra vez, que era um conservador, atento, vigilante, caprichoso com a família e com os valores e as virtudes tradicionais daquela sociedade.

Yaqub vai além, perspicaz, preocupado e atento às exigências do mundo capitalista. Durante a visita, percebeu o cansaço, o desânimo do pai, o visível e dolorido desgaste físico e emocional da mãe, provocados, sobretudo, pela vida desregrada do Caçula. Ele também reconheceu e valorizou o esforço da irmã Rânia, na luta em manter os negócios na velha loja de Halim, que, a essa altura de outros tempos, já parecia obsoleta carecendo de mudanças, adaptações, inovações. Aquele estabelecimento comercial era a única fonte de renda para o sustento de todos da família, inclusive do hippie rebelde, que, apesar de suas ausências intermitentes de casa, até então, sempre voltava para se recuperar das ressacas, comer e descansar para as próximas noitadas nos bares e clubes manauaras.

O engenheiro retornou a São Paulo e, algum tempo depois, enviou um caminhão lotado de móveis, eletrodomésticos novos e modernos, para substituírem os antigos já surrados pelo uso ou quebrados pelo tempo, muitos deles também destruídos porque haviam sofrido ataques de fúria, quando Omar, em seus momentos de revolta, defrontava-se com algum ou alguns membros da família.

O militar, que soube montar suas estratégias, que por seu talento e determinação, estudou, enfrentou as adversidades do clima, da solidão, dos costumes e das tradições paulistanas, formando-se. Assim, por seus méritos, encontrou fontes de ganhar dinheiro para, então, realizar seus planos e sonhos, como o de se casar com Lívia, mesmo sendo às escondidas, para que seu adversário e os outros que ele não queria que soubessem, não contrariassem seus objetivos. Também Yaqub é o mesmo que, a distância, preserva, cuida e se preocupa com o lugar onde nascera e vivera uma parte de sua infância com sua família. O elogiável gesto de Yaqub deu um ânimo novo à velha casa deles, que também foi reformada, assim como oxigenou a vida de todos que ainda moravam nela. O dinheiro ganho com o esforço e muito trabalho do arquiteto ampliou um pouco mais o fôlego de sua família, que, mesmo já combalida, atingida em seu âmago pela guerra entre ele e irmão rival, pôde, então, respirar e continuar, ainda que aos trancos e barrancos, e, assim, prosseguir com sua saga.

Porém, o Caçula ignorou, desprezou a ajuda que Yaqub enviou de São Paulo, não quis que reformassem seu quarto. Como ele nunca fora à loja da família, nem ligou para as novas mudanças que Rânia fez por lá, empregando os recursos doados pelo outro irmão. Todos esses gestos de pouco caso foram uma clara repulsa aos benefícios vindos do adversário, mas também uma demonstração de renúncia ao conforto, ao bem-estar financiado pelo dinheiro ganho com o trabalho do engenheiro, atitude esta também típica dos hippies, os quais, como forma de protesto, viviam e até dormiam em lugares desprezíveis.

Contudo, a perambulância do aventureiro pela Flórida e Louisiana parece ter-lhe acendido centelhas. Talvez ele tenha visto alguma luz diferente que lhe fizera perceber alguns sinais de possíveis mudanças na até então cidade de Manaus, que servira apenas como porto de embarque e desembarque de borracha, castanha, balata, piaçaba e outros produtos da maior floresta tropical do mundo, frutos da atividade extrativista de ribeirinhos nativos e nordestinos remanescentes e sobreviventes do agora moribundo ciclo da borracha, o qual há anos vinha agonizando. Entretanto, agora, havia movimentações diferentes, de estrangeiros principalmente, chineses, coreanos, latinos e outros. Andavam pelo cais e no seu entorno, o movimento era grande. Tanto que até se espalhavam por algumas ruas do centro, onde estavam localizadas a maioria das lojas e escritórios comerciais da cidade.

E é por esses tempos, nesse contexto de anúncio de novos ares, que Omar aparece em casa com um gringo, cujo nome era Wyckhan ou Weakhand. Apresentou-o à família como se ele fosse gerente de um banco estrangeiro com quem estava trabalhando. Isso logo provocou desconfiança de todos da família. Logo Omar, um não adepto do trabalho, que odiava rotinas, sistemas, agora dando seu suor a um banco? A um estabelecimento comercial, símbolo da elite capitalista? Uma financiadora das guerras as quais matavam vidas e sonhos? Destruíam e mutilavam milhares de jovens, mundo afora? Tais interrogações surgiram na cabeça de todos que conviviam mais de perto com o rebelde, principalmente na cabeça de sua mãe Zana, que o conhecia como a palma de suas mãos. Por isso, não só desconfiou das falsas pretensões, das mudanças de comportamento e de nova ideologia do Caçula, como, em surdina, logo iniciou um trabalho de investigação para, então, descobrir o que realmente estava por trás de toda essa encenação do filho boêmio: “Quando o destino de um filho está em jogo, nenhum detetive do mundo consegue mais pistas que uma mãe” (HATOUM, 2000, p.139).

Omar sempre foi um desobediente, um indisciplinado contumaz; nunca trabalhou. Então, porque agora iria mudar? Porque iria abandonar suas trincheiras de contrário ao *status quo*? Trabalhar, pagar impostos regularmente, contribuir para o sistema, para o monstro insensível que o oprimia, que financiava um tipo de vida o qual ele detestava e jamais a ele se adaptou? “Zana ia ao porto todas as manhãs. Sem ser vista, viu várias vezes o filho. Não no porto, mas no armazém onde a muamba era empilhada e depois desviada para um destino incerto” (HATOUM, 2000, p.139).

Todavia, o que o rebelde conseguira mesmo com sua falsa mudança, com esse seu “trabalho” clandestino, fora ampliar, dar um maior brilho na sua vida libertária de adepto do vinho e do sexo livre. Agora se vestia melhor, cuidava mais da aparência, descansava e

alimentava melhor o corpo, em casa. E mais, quando saía à noite, ele desfilava num carro conversível, o qual até das crianças chamava atenção nas ruas, idem dos boêmios nos clubes noturnos, nos quais o farrista era muito conhecido e fazia enorme sucesso com os colegas e principalmente com as mulheres.

Mas as investigações da mãe Zana, e outras que ela encomendara, darão conta de que, além do envolvimento do rebelde com o submundo do comércio das muambas, ele também estava envolvido de corpo e alma, enrabichado, apaixonado, havia sido mais uma vez laçado pelos prazeres do álcool e do sexo. Estava de caso “sério” com a Pau-mulato, uma morena maçuda. Uma jovem que fazia mesmo jus à comparação com a árvore do mulateiro. Ela era alta, corpo de dançarina do tipo que batia cartão nos palcos e nos quartos dos clubes lupanares de Manaus, pois Omar a conhecera lá no Verônica, quando ela estava na companhia de Quelé, aquele mesmo tal “gringo” que o andarilho, outrora, apresentara à família como gerente do banco onde ambos diziam trabalhar. A tal moça era realmente grande e carnuda, bela e avantajada, charmosa e sensual. Era talhada e esculpida nos moldes irresistíveis ao gosto de qualquer amante e, mais ainda, para um macho do quilate de Omar.

Agora, a jovem Pau-mulato vai fazer Omar demonstrar ao leitor, com bastante clareza e sem dissimulação, mais outras características muito comuns nos hippies. Ele vai se rebelar fortemente contra a mãe, contra o pai, vai abandonar a família e a casa; tornar-se-á verdadeiramente um andarilho, um aventureiro. Vai entregar-se mesmo à busca da satisfação de seu Eros: “A senhora tem outro filho, que só dá gosto e tem bom posto. Agora é minha vez de viver [...] Eu e a minha mulher, longe da senhora [...] Longe do senhor também, longe dessa casa. Não venham atrás de mim, não adianta [...]” (HATOUM, 2000, p.145). O rebelde pega uma mala com roupas, dá às costas a todos da casa e vai embora.

Os amantes agora, às escondidas de tudo e de todos, fretam um pequeno barco de um proprietário das imediações e juntos iniciam suas perambulâncias pelos rios, pelos igarapés, lagos e furos de águas dos rios das redondezas de Manaus, fazendo de todo porto chegado sua moradia. Comiam o que havia para comer, o que os rios, os paranás, a estrada deles, deixavam ao alcance de seus pés e mãos. Eles se aproveitavam do que a floresta e a dadivosa natureza amazônica lhes ofereciam. Nesse cotidiano de viagens, passaram a fazer do álcool o principal combustível da libido de seus corpos, que se gastavam, derretiam-se deitados ao ar livre na areia das praias desertas das Ilhas de Anavilhanas, ou por quaisquer outros lugares onde estavam ou passavam. Quando precisavam, usavam até o estrado da embarcação como se fosse cama. Não escolhiam hora nem lugar para a satisfação de seus desejos sexuais. Depois

dormiam, muitas vezes, os dois numa mesma rede de pano. Assim, eles viviam seus dias e noites, ao ritmo do banzeiro ou do remanso das águas do rio Negro ou Solimões.

Os amantes cantavam, dançavam, promoviam sessões intermináveis de bebedeiras com festas e orgias variadas. Os devassos só passavam por Manaus, mesmo promovendo farras também aí no porto dos educandos, quando precisavam de mantimentos. Mesmo assim, tentavam não serem vistos. Ao modo deles se resguardavam, às vezes, até no porão da embarcação como uma espécie de esconderijo. Entretanto, era tanta farra, que não teve jeito, foram vistos algumas vezes por peixeiros e outros das margens dos educandos. Eles vendiam algum peixe que pescavam com malhadeiras, depois ficavam bebendo e dançando no convés do barco. E assim os dois iam curtindo aquela vida, quase sem nenhuma preocupação com a higiene corporal, com a aparência e limpeza das roupas, com o desconforto daquele rústico ambiente náutico que os insaciáveis faziam de casa e alcova até quando estavam navegando, ou ancorados em alguma paragem ribeirinha de algum município próximo ou daqui mesmo da capital.

Desse modo, os amantes levaram essa aventura clandestina, porém, livres e soltos, sem o previsível. Viveram assim por meses a fio uma vida desregrada, sem relógio e calendário, de forma completamente desprovida de qualquer tipo de compromisso com valores morais ou bens materiais. Nas festas do casal, Omar dançava, rodava doido que nem um pião. Expunha seu corpo espadaúdo, esbelto, bronzeado do sol, de óculos escuros, usava um colar de sementes de guaraná. Depois iam ao banho, ficavam despídos e sua diva, Pau-mulato, o ensaboava e o banhava como se o devasso fosse um bebezão.

Omar e sua companheira pescavam, recolhiam peixes das águas por meio de malhadeiras, por algumas vezes foram até vistos por informantes de Pé-de-sapo, vendendo o fruto das águas a qualquer preço, pois, como já dito, vinham meio às escondidas ao porto de Manaus e, por isso, retornavam quase sempre antes do amanhecer. A renda do casal também melhorava quando Pau-mulato arrecadava algumas moedas, às vezes recebia farinha em trocas, já que ela prestava serviços de quiromancia, lendo as mãos, dizendo prever a sorte e o destino dos caboclos ribeirinhos, aqueles moradores das paragens por onde eles encostavam ou passavam no porto.

Essas tais andanças mundanas do rebelde Omar com sua Pau-mulato acima descritas custaram muito à mãe dele, assim como era comum às milhares de outras mães pelo mundo afora, já que sumir de casa era simples para aqueles andarilhos. Elas perdiam noites e noites de sono, passavam horas e horas de rezas, quase sempre em vão. Eram doloridos momentos

de espera e preocupações. O sumiço do filho desregrado de Zana exigiu longas e cansativas buscas do pai Halim, nas beiradas dos rios, dos igarapés e paranás e em outras áreas alagadas da cidade, como também viagens de barco fretado, de canoa, de motor de poupa, entrando e saindo por furos e atalhos do negro e também do Solimões. Além das decepções já vividas, o velho libanês já se encontrava bastante cansado de sofrer com as rebeldias do filho, sobretudo de assistir e, de tabela, também sentir as dores, as aflições, as angústias da esposa Zana, tudo por consequência do comportamento e das atitudes do Caçula. Halim sujeitou-se inclusive a visitar, investigar, percorrer bares, casas noturnas, prostíbulos mesmo, lugares de gandaia e boemia por todos reconhecidamente antes frequentados pelo rebelde, mas todas as incontáveis buscas e procuras ao filho foram inúteis.

O retorno, ou melhor, o resgate do rebelde, depois de meses de orgias e ausência de casa, só foi possível acontecer pela insistência, pela perspicácia e obstinação de Zana que, dessa vez, não contratou os serviços de agentes do Estado, mas, sim, de um comprador e vendedor de peixes, o Perna-de-sapo. Alguém que, desde a madrugada, todos os dias, já perambulava e negociava pescado com os donos de barcos-pesqueiros, fornecedores de peixes nas beiradas dos educandos e da praia do porto dos remédios. Perna-de-sapo, acompanhado de seu tabuleiro, diariamente saía vendendo pescados de porta em porta pelas ruas do bairro, inclusive na casa de Zana. Para obter informações privilegiadas sobre o paradeiro do filho sumido, ela recompensava-o comprando muito peixe, em quantidades até bastante acima do consumido costumeiramente pela família dela.

Para cumprir a missão solicitada por Zana, o peixeiro usou todo seu conhecimento de mateiro no rio Purus, somado com o daqui da capital. E, como um ambulante que se preza, possuía informações privilegiadas e o completo domínio de sua área de venda e de compra, pois sua sobrevivência dependia de sua atuação profissional naquele ramo e, para isso, deveria conhecer todos que nela participavam como fornecedor ou consumidor de peixe. O vendedor perguntou, investigou, pois ele tinha na memória o mapa dos rastros de tudo e de todos que viviam e sobreviviam nas beiradas do igarapé dos educandos, na beira da praia, nos pontos de chegadas e saídas dos barcos que atracavam e desatracavam trazendo produtos e levando mercadorias. Por ali viviam passageiros, viajantes, e outros tipos de diferentes transeuntes, os quais por meio das águas dos rios da Amazônia navegavam indo e vindo em seus destinos de interioranos.

O barco velho de aluguel usado pelo casal de amantes era mixuruca, daqueles que demoram muito para atravessar a baía do negro ou subir rápido alguns metros na correnteza

do Solimões, mas, mesmo assim, fora fretado por Omar e Pau-mulato. Como já tinham feito outras vezes e sido vistos por Pé-de-sapo, um dia eles ancoraram entre os grandes batelões, na área conhecida e rastreada por ele. Quando isso aconteceu, o esperto peixeiro, rapidamente, informou Zana da estada dos amantes andarilhos em Manaus. Sem demora, a mãe, obstinada, desesperada pela longa ausência do filho, agiu. Contratou outros homens, que juntos, à força, invadiram o barco dos amantes clandestinos. Expulsaram a moça, antes dançarina, e resgataram o rebelde, que dormia no porão desconfortável, fétido, quase que inóspito da embarcação em que eles, até então, viajavam.

E assim o rebelde foi conduzido, a contragosto, pelos capangas pagos por Zana. Omar voltou para casa “em petição de miséria”: o andarilho estava careca (cabeça raspada), barbado, magro, esquelético mesmo, ferido, de pés descalços, vestido com uma bermuda velha e suja, cheia de furos, mal cheiroso, esgotado pelos meses de bebedeiras, de vida desregrada, de dias e noites de amor carnal, nas orgias vividas com a amante Pau-mulato. Entretanto, ainda assim, reuniu forças para demonstrar sua revolta por terem interrompido suas andanças mundanas com a dançarina. Sob os olhares de medo e espanto da mãe e da irmã, enfureceu-se e quebrou, inutilizou, destruiu vários objetos, móveis de casa, imagens de santo, quadros de fotografias da família e do irmão rival. Depois, como quase sempre fazia, fingiu-se de coitadinho, amoitando-se no quarto dele, até se recuperar das ressacas mal curadas da temporada com a amante Pau-mulato e, então, como se nada tivesse acontecido, voltar à vida libertária que sempre levava.

3.1 A prisão e a morte do professor Antenor Laval

Já fazia tempo que Omar havia abandonado o Galinheiro dos Vândalos. Entretanto, a amizade, a ligação com o único professor com quem o rebelde tinha alguma identificação e proximidade, perdurava. De quando em vez, o tal mestre aparecia na casa do ex-aluno para convidá-lo a participar de algum sarau, pois, quando o hippie passou pela tal escola, notabilizara-se como um bom intérprete de poemas, o que agradava bastante aquele estranho professor de Língua francesa.

A narrativa chega a 1964. Antenor Laval, já há algum tempo, leciona Língua francesa naquele liceu em que a desordem imperava. Não havia quase nem nenhuma disciplina, por

isso, aquele lugar tornou-se “famoso”, sendo denominado com o pejorativo apelido de Galinheiro dos vândalos. Além de professor, Laval também é poeta: “seus poemas cheios de palavras raras, insinuavam noites aflitas, mundos soterrados, vidas sem saídas, sem escapes” (HATOUM, 2000, p. 193). Talvez por paixão às letras, utiliza muito, em suas aulas, a Literatura, leituras, traduções, principalmente de poemas escritos pelos simbolistas franceses.

O professor Laval, como era chamado, é um homem de aparência, de modos, de gestos e atitudes estranhas, bastante diferentes do padrão tradicional. Morava sozinho num porão, tipo uma caverna, nas imediações do igarapé de Manaus. Um ambiente soturno, sombrio, carente de limpeza. Vestia-se com descuido, alimentava-se de pratos feitos fornecidos por uma vendedora de comida da vizinhança. Bebia muito vinho e, possivelmente, outros tipos de bebidas, em quantidades muito além do razoável, já que começava a beber logo depois do almoço. Tanto que era comum, os alunos do turno da noite, em sala, facilmente sentirem o cheiro das bebidas já exposto fortemente no suor entranhado nas roupas daquele professor.

Contudo, de certo mesmo, ninguém do Liceu, nem algum outro assíduo freguês do Café do Pina, ou até mesmo algum frequentador da Praça da Polícia, onde poucos anos antes nascera o mais famoso movimento artístico-literário do Amazonas, o Clube da Madrugada, detinha informações exatas e verdadeiras sobre aquele estranho profissional do magistério. Apesar de notado, de ser bastante próximo dos alunos, de ser considerado um amigo querido mesmo por vários deles, a quem Omar também dedicava tamanha admiração e o considerava um estimado amigo e um verdadeiro mestre, o que havia mesmo sobre Laval eram mexericos, boatos, disse-me-disse nos corredores do Galinheiro dos vândalos. Porém, quem mesmo, outrora, teria sido Antenor Laval? “Um: que fora militante vermelho, dos mais afoitos, chefe dos chefes, com passagem por Moscou.” O que ele não negava. “Outro rumor, bem mais triste. Diz que havia muito tempo um jovem advogado Laval vivia com uma moça do interior. Líder e orador nato, ele fora convocado para uma reunião secreta, no Rio. Levou a amante e voltou à Manaus sozinho” (HATOUM, 2000, p. 192). Mas tudo ou quase tudo eram conjecturas, versões desiguais, diziam ter havido traição e abandono. O certo é que Laval mostrava-se um pessimista, um desencantado, um inadaptado mesmo. Aquele ente que vivia numa espécie de contramão da vida ao dos ditos normais é claro. Ele ficava internado no subsolo daquela casa à margem do igarapé de Manaus, onde por várias vezes fora encontrado quieto num canto, mudo barba por fazer, comum a aparência cadavérica a qual conservou até o dia de sua execução.

Faz-se importante alertar aqui mais uma vez, que este trabalho dissertativo, o que parece já ficou claro, é sobre uma obra de ficção. Doravante, a parte que narra a prisão e a execução do Professor Antenor Laval, que se inicia no capítulo sete do livro, é tão contundente, chocante, coincidente com a realidade, que induz o leitor a imaginar verossimilhanças, já que os atores, as cenas do tal episódio ocorrem e são consumadas em abril de 1964, início de um período bastante turbulento para a história política do povo brasileiro, pelas truculências, embates violentos ocorridos nas cidades e fora delas, em quase todo o país. Sabe-se que aconteceram manifestações, conflitos, tentativas de resistência ao Golpe militar deflagrado em 31 de março daquele mesmo ano, por membros do Exército nacional, apoiados pelos Estados Unidos, um dos principais representantes do imperialismo capitalista, opressor da ideologia dos hippies, já que por essência e ações repressoras, utilizava-se de métodos e estratégias que visavam à dominação e a opressão às liberdades, assim, impossibilitando a plena satisfação do Eros.

Manaus, depois de um último fôlego da extração da borracha, que ocorrera durante a Segunda Guerra Mundial, em razão da necessidade dos derivados do látex na indústria bélica, permanece uma cidade isolada, distante do centro do país. Continua carente dos serviços básicos de saúde, transporte, energia elétrica principalmente. A cidade atravessa um período difícil de geração de renda e empregabilidade. Importante ressaltar que, nesse aspecto, a capital, propriamente dita, só vai melhorar com a criação da Zona Franca de Manaus em 1967. Portanto, era ainda bastante provinciana, com cerca de 250 a 300 mil habitantes, com apenas três estações de rádio, três ou quatro jornais com maior circulação diária, só com uma diocese católica, as outras religiões ainda bem menores em quantidade de fieis.

Nessa cidade onde quase todos os habitantes se conheciam, não havia entre eles visíveis costumes e tradições do espírito de metrópole suficiente e capaz de absorver facilmente crimes ou episódios de tamanha comoção e repercussão como o da prisão e morte do professor Laval. Como contextualização, lembremos aqui do que ocorrera mais ou menos onze anos antes, em 4 de abril de 1953, muito bem relatado no livro, *Caso Delmo*. Trata-se da trágica história de um jovem manauense, também rebelde, boêmio, pertencente à rica e tradicional família Pereira, industriais do ramo madeireiro. Para conseguir dinheiro e se divertir no carnaval daquele mesmo ano, o jovem resolve assaltar um dos estabelecimentos da própria família. Para isso, agrediu, com violentas pancadas, um vigia e assassinou o chofer que o transportara para realizar os delitos. Dias depois, Delmo foi delatado pelo vigia por ele espancado na noite dos crimes, mas que sobrevivera. Denunciado, o jovem agressor foi preso.

Porém, alguns membros da classe do chofer morto, inconformados com a forma cruel e covarde dos crimes, reuniram-se, tomaram o preso quando este ainda estava sob a custódia da polícia e, em seguida, mataram-no barbaramente, em plena via pública. Tamanha violência abalou, mexeu com os amazonenses, tornando-se, assim, um caso de enorme repercussão local e nacional, que chocou e marcou para sempre a vida dos habitantes da cidade manauara, assim como a Literatura policial do Amazonas e do Brasil (DUARTE, 2013).

Enquanto isso, na Praça das Acácias, em frente ao Galinheiro dos Vândalos, onde ocorrerá o crime sobre o qual acima apenas foi alertada a curiosidade do leitor sobre verossimilhanças. Trata-se da prisão e morte do professor Antenor Laval, tão bem descrita e ricamente narrada no romance *Dois Irmãos*, mas essa possível desconfiança se desfaz no livro *O Golpe Militar no Amazonas, Crônicas e Relatos* (FIGUEIREDO, 2014). Depois de lê-lo, conclui-se que, apesar de terem ocorrido muitas perseguições e várias prisões na capital manauara, nesse insalubre período dos primeiros anos do regime no Brasil (1964-1985), não ocorrera, por aqui, nenhuma morte que se possa confundir com a do professor de Língua Francesa do Galinheiro dos Vândalos, do romance *Dois Irmãos*.

Morreram, sim, dois amazonenses, mas faleceram no Rio de Janeiro. Um foi Antogildo Pascoal Viana, sindicalista, cuja causa mortis ficou registrada, nos anais policiais, como suicídio. Antogildo, naquele momento de sua morte, estava como presidente do Sindicato dos Estivadores do Amazonas e, por isso, encontrava-se na capital fluminense a serviço da função. A outra vítima de morte foi para os anais como desaparecida, igual a tantos outros brasileiros sumidos Brasil afora. Trata-se do militante político, Thomaz Antônio da Silva Meirelles Neto, filho de Parintins, mas que se tornou bastante conhecido no meio estudantil de Manaus, como Thomazinho. Este, realmente, possui alguma semelhança de currículo com Laval, já que antes, quando jovem, Thomaz também dera aulas e teve passagem por Moscou.

O episódio da morte de Laval é assim descrito:

Ele acabara de sair do Café Mocambo, atravessava lento. Carregava a pasta surrada em que guardava livros e papéis, a mesma pasta, os mesmos livros; os papéis é que podiam ser diferentes, porque continham as garatujas dele... Foi humilhado no centro da Praça das Acácias, esbofeteado como se fosse um cão vadio á mercê da sanha de uma gangue feroz. Seu paletó branco explodiu de vermelho e ele rodopiou no centro do coreto, as mãos cegas procurando um apoio, o rosto inchado voltado para o sol, o corpo girando sem rumo, cambaleando, tropeçando nos degraus da escada até tombar na beira do lago da praça. Os pássaros, os jaburus e as seriemas fugiram. A

vaia e os protestos de estudantes e professores do Liceu não intimidaram os policiais. Laval foi arrastado para um veículo do Exército e logo depois as portas do Café Mocambo foram fechadas. Muitas portas foram fechadas quando dois dias depois soubemos que Antenor Laval estava morto. Tudo isso em abril, nos primeiros dias de abril (HATOUM, 2000, p. 189-90).

A polícia sequer se intimidou com as vaias e os protestos dos professores e dos alunos. Mas a natureza se manifestou em forma de chuva, choveu muito na tarde-noite da morte do ídolo Laval. Os cordões de água pareciam lágrimas que caíam do céu que queriam se unir como choro de dor e revolta daqueles jovens alunos e ex-alunos, que se reuniram na mesma praça, ainda suja de sangue, que servira de cadafalso do professor morto. Então, eles acenderam tochas que iluminaram toda a praça, proferiram discursos e declamações de versos tirados dos poemas escritos em vida por Laval. Protestaram em alto e bom som contra a prisão e a execução do grande mestre deles.

Omar foi o último a declamar. Estava emocionado e triste, o Caçula. A chuva acentuava a tristeza, mas acendia a revolta [...] Omar escreveu, no chão do correto, com tinta vermelha um verso de Laval, e por muito tempo as palavras permaneceram ali, legíveis e firmes, oferecidas à memória de um, talvez de muitos (HATOUM, 2000, p.190-191).

Sem parecer pouco, pois ainda havia mais, depois daquele turbilhão de emoções, para a alegria triste de Nael e o espanto conveniente de Omar, ambos, ao retornarem das manifestações de homenagens e protestos pela morte de Antenor Laval, depararam-se com Yaqub, o militar, que estava posto de pé, na sala da casa deles.

“Já fui militar, sou oficial da reserva, me disse orgulhoso” (HATOUM, 2000 p. 199). Essa declaração de Yaqub a Nael, o narrador do romance, em uma das várias conversas que tiveram durante mais essa inesperada visita do engenheiro à cidade e a casa dos pais impõe mais uma interessante e curiosa dúvida na imaginação do leitor. Por que então o militar decidira chegar a Manaus exatamente naquele dia? Dia em que a cidade estava mergulhada nas águas de uma grande chuva, que se misturaram às lágrimas dos estudantes e professores do Galinheiro dos Vândalos, deixando todos emocionados, tristes, revoltados com a trágica, cruel e covarde morte de Laval. Não só Omar e Nael, mas também Halim e Rânia que, nesse mesmo dia de tamanha comoção, estavam noutros lugares da cidade, perceberam e até se

assustaram com o clima estranho, pesado, no qual todos sentiram a situação de tensão provocada pelos verde-oliva espalhados em quase todos os pontos das ruas e logradouros de Manaus. Havia guarnições inclusive de lanchas e pequenos navios da Marinha, estrategicamente posicionados em partes do rio Negro, como se fossem os olhos opressores do regime de exceção do Estado que naqueles dias se instalara no Amazonas e no Brasil, o qual duraria por longos vinte e um anos e não haveria de eliminar só a vida do professor Laval, mas também de centenas de outros brasileiros opositores por meio da chamada, pelos militares, de Revolução de 31 de março de 1964.

No enredo do romance não é fácil, talvez nem seja possível afirmar ou negar categoricamente, se a vinda de Yaqub a Manaus, exatamente naqueles dias, é uma simples coincidência ou se havia alguma relação com os acontecimentos pertinentes ao golpe militar que se instalara no Amazonas e no Brasil, já que, segundo a citação acima, ele próprio se declara ter sido um oficial do Exército brasileiro. O filho gêmeo de Zana e Halim veio de São Paulo e, dessa vez, passou uma semana na capital amazonense. Yaqub andou livremente pela cidade, observando o velho conjunto arquitetônico, notando e até comentando sobre os já visíveis sinais de mudanças nas casas antigas pelas ações dos homens, como também sobre as marcas das mãos do tempo “Ele sabia que Manaus se tornara uma cidade ocupada. As escolas e os cinemas tinham sido fechados [...] e as estações de rádio transmitiam comunicados do Comando Militar da Amazônia” (HATOUM, 2000, p.199). Quando ele estava em casa, trabalhava bastante, dispunha folhas e mais folhas de desenhos de plantas de prédios encomendados a ele em São Paulo. O visitante teve até tempo para longas e saborosas conversas com o pai Halim. Visitou e também muitas vezes conversou com Nael, quase sempre no quarto deste, já que também o antes menino, agora já quase homem, adoecera logo depois da chubarada no dia dos protestos contra a morte de Laval.

O gêmeo militar fez diversas e muitas outras coisas, só não teve nenhum tipo de contato com o irmão rival, não lhe parecendo nem um pouco desagradável ouvir os gritos de agonia e dor vindos do quarto do Caçula. Também nem sequer tomou conhecimento sobre a gravidade ou não da enfermidade física ou emocional de Omar, o qual sofria visivelmente a perda de seu antigo professor de Língua Francesa. É possível também que o militar talvez tenha entendido o isolamento do Caçula, como alguma artimanha ou como uma estratégia de combate ou de defesa programadas pelo rebelde que se enfiou em seu quarto, mostrando-se estar enfermo desde a mesma data de Nael, a qual também coincidia com a de sua chegada a Manaus.

Por outro lado, sabe-se que todo militar é treinado e qualificado para organizar e executar operações de diversos modelos, inclusive sigilosas. Operações bem pensadas, esquematizadas às escondidas, com objetivos conspiratórios, de ataques, de defesas ou de vigilância. Nota-se também que Yaqub, durante todos os dias que passou na cidade ou na casa dos pais, sentiu-se sempre bastante à vontade, não demonstrando nenhum incômodo, desconforto ou apreensão com o clima de agitação, de medo e até de perseguições, ou então outros tipos de violências que ameaçavam a cidade, já que os militares do Exército, aqui em Manaus, naqueles dias, prenderam e conduziram vários estudantes, jornalistas, artistas, políticos, intelectuais e outros militantes à prisão, levando-os para o quartel do SIGS, no conhecido bairro de São Jorge, na zona oeste da capital (FIGUEIREDO, 2014).

Contudo, Yaqub voltou para São Paulo. Omar, depois do baque emocional provocado pela imolação do amigo Laval, aquele que quando em vida, era também um tipo de símbolo da ideologia deles, cria, inventa uma nova trincheira, não mais tão longe de sua casa, mas, sim, bem próxima. O hippie refugia-se em meio às árvores, às roseiras e a outras plantas frutíferas do quintal da casa, da já quase incompleta e despedaçada família deles, lugar onde havia uma aparência e um ar de bosque cujas cores lembravam muito as cores das roupas coloridas usadas pelos hippies, além da presença e da variedade de pássaros e outros animais que por lá habitavam. O hippie, então, passa o tempo cuidando, podando as plantas, parecendo e se mostrando como alguém que sofrera um enorme trauma, uma dolorida decepção com o reino dos homens e que, agora, preferisse e buscasse fôlego, alívio nas novas experiências de outros relacionamentos com outro reino, o dos vegetais.

No entanto, faz-se importante lembrar que esse tipo de comportamento de Omar não é assim tão novo e nem tão estranho ao modo de vida dos hippies, pois eles, como forma de protesto, também saíam do conforto de suas casas e iam habitar nos sítios, nos bosques e parques arborizados das cidades de qualquer parte do mundo. Logo eles se mostravam integrados, como se fosse a confirmação do estilo de vida do *paz e amor*, entre eles e os outros elementos da natureza. Por esse tal comportamento, pensa-se até que se a palavra ecologia estivesse na moda, como nos tempos atuais, eles talvez até pudessem ser chamados de ecologistas ou um tipo de amantes do campo, dos ambientes e de paisagens naturais, lembrando, inclusive, os versos da letra de uma famosa canção dos anos 1970, cujo primeiro verso diz: “*Eu quero uma casa no campo*”, do cantor e instrumentista Zé Rodrix. Foi isso que o rebelde demonstrou, ou pelo menos quis demonstrar, até o momento em que ele se dispôs a ir para o *front* da guerra, para enfrentar sua batalha final, com seu rival de vida e de morte,

porém, sobretudo, de ideologias completamente opostas, contrárias que os separaram desde a saída do útero de sua mãe. Mãe que, saturada com as insuportáveis rebeldias do filho, num tom desesperado, diz:

Chega de bancar o coitadinho, chega de esfolar as mãos e os braços com esse trabalho de péssimo jardineiro [...] Agora tu não tens pai [...] deves procurar um emprego e parar com essa mania de desocupado [...] Vai te olhar no espelho [...] teu pai não suportava te ver assim [...] Não aguentava ver uma vida desperdiçada [...] (HATOUM, 2000, p.166).

Halim já havia falecido. A casa, a vida em família, que jamais fora boa, começa a piorar. Zana sente bastante o peso da viuvez, sua tristeza e seu luto modificam seu comportamento, suas expressões e reações, seus costumes, maneiras e jeitos de enfrentar o cotidiano. Tudo isso acusa o vácuo, a lacuna, a ausência do marido morto e, agora, muito mais ainda, aquela inconciliável guerra entre os dois irmãos, filhos dela, que estava além do incômodo, do desconforto. Ela, que já passava dos sessenta anos, não conseguia mais suportar o peso daquele fardo de desencantos e desencontros, de conflitos, desavenças e rivalidades intermináveis que aos poucos, como se fossem banzeiro de água de rio batendo em barranco, corroeram, desgastaram sua vida pessoal e conjugal. Aquelas desavenças consumiram, sobretudo, a paciência e as forças do marido Halim, que, nos últimos anos de vida, já fugia de casa, preferindo perambular pelas ruas de dia ou de noite, ou então se encostar em algum botequim da cidade flutuante, ao invés de ficar em casa mendigando a atenção da esposa e ouvindo, vendo as confusões provocadas pelo filho rebelde para quem ela, Zana, só tinha olhos e total dedicação.

A história dos homens e de seus regimes políticos passam, mas os efeitos da rivalidade entre os duplos não. “A rede perdera a cor original e o vermelho, sem vibração, tornara-se apenas um hábito antigo de olhar” (HATOUM, 2000, p. 182). Entretanto, as luzes do progresso capitalista começam a brilhar mais fortes nas placas, nos painéis e vitrines das lojas agora com ares modernos na capital da Zona Franca. Então, ainda em casa, pensando e falando sozinho, sentindo-se pressionado, Omar diz: “O que ela quer? Paz entre os filhos? Nunca. Não existe paz nesse mundo” (HATOUM, 2000, p.168). Porém, empurrado talvez pelas últimas forças de sua mãe Zana, que, no ápice de sua fadiga, fruto da agonia e do desespero pela interminável guerra entre as ideologias de vida dos filhos gêmeos, com

lágrimas na garganta, diz: “O que eu mais quero é paz entre os meus filhos. Quero ver vocês juntos aqui em casa, perto de mim, nem que seja por um dia” (HATOUM, 2000, p.168). Sem contar que antes, ela já havia exigido que agora sem o pai, Omar, deveria ocupar-se e procurar um emprego.

Então, dias depois desse apelo desesperado de Zana, o rebelde anima-se com a possibilidade de obter uma comissão remunerada na compra de um terreno para a construção de um hotel na cidade. A mãe, como disse no desabafo, ilude-se com uma imaginária união dos filhos e resolve avisar Yaqub em São Paulo, por meio de uma carta. Avisa ao engenheiro da suposta pretensão de trabalho do Caçula. Ela comunica que Omar planeja negócios em sociedade com Rochiram, um indiano, que se apresentara à família deles como um tipo de empresário do ramo hoteleiro, e que este pretendia erguer um hotel em Manaus. Poderia ser uma oportunidade para Yaqub, como um bom e famoso engenheiro arquiteto, de associar-se com o irmão, no tal empreendimento da construção do tal hotel, e, quem sabe, até de outros, e, assim, juntos, explorarem grandes negócios da construção civil, já que Manaus demonstrava fartos sinais de cidade crescente e aberta aos estrangeiros e a outros tipos de negócios como os das fábricas do recente distrito industrial.

Yaqub recebeu a carta, absorveu as informações, respondeu-a laconicamente, porém, ignorou o pedido de perdão da mãe por tê-lo mandado para o Líbano quando ele ainda era um menino. E sempre demonstrando ser um bom militar, frio, calculista, exato, tratou de usar as mensagens do conteúdo da carta da mãe, não para atendê-la e associar-se ao irmão rival, mas para atrapalhá-lo. O engenheiro arquitetou seu plano secreto como se fosse um agente do DOI-CODI e viajou para Manaus. Ao chegar, não foi para a casa dos pais. Hospedou-se num hotel em um lugar quase insuspeito, meio estranho, um tanto deslocado do cotidiano da cidade e visivelmente incompatível aos padrões de conforto de um arquiteto de sucesso.

Ele veio e chegou à cidade, à moda de agente secreto, gastou apenas alguns poucos dias e se pôs no meio do negócio do rival, intrometendo-se, assim, nas pretensões e planos comerciais de Omar e seu parceiro, o indiano Rochiram. O militar foi sutil, sagaz e sorrateiro, traiçoeiro como uma cobra. Às escondidas, destilou seu veneno nas intenções do oponente e só depois de tudo armado, apareceu na casa dos pais para talvez assistir e conferir a eficácia das ações e pretensões de sua estratégia de opositor. Depois de surpreender aqueles da família que naquela tarde estavam em casa, com sua chegada repentina e inesperada, põe os desenhos das plantas arquitetônicas, calculadas e desenhadas por ele sobre a mesa da sala, eram as do

tal futuro hotel que o rival pretendia. Concluído seu pleito, depois se deitou na antiga e agora já descolorida rede vermelha, atada a vida inteira deles no apêndice da casa.

Quando, de repente, Omar retorna da rua, pois havia saído cedo, e já parecendo estar ciente e até saber da intromissão do engenheiro, atento, descobre as folhas com os desenhos da obra feitos pelo adversário e avança sobre elas, rasgando-as, com um ódio tão grande que parecia evaporar de todas as partes do corpo e da alma. Naquele instante, concluiu que Yaqub estragara de vez seus planos de negócios comerciais com o tal indiano e, agora, como se lhe faltassem os sentidos, envenenado pela cólera e pela revolta, avança sobre o irmão rival, esmurrando-o, soqueando-o, brutal e incessantemente, sem lhe dar nenhum átimo de defesa. Seus braços, como se fossem a extensão de seu instinto de um animal faminto, procuravam sempre a cabeça do adversário, pelo rosto ou não, pois nesta estava contido o que ele tanto combatia a inteligência de Yaqub, a fonte geradora das ideias as quais compunham e alimentavam a tal ideologia completamente oposta a dele, Omar.

E se não fosse a providente intervenção e o desesperado socorro de Nael e Domingas, o rebelde teria eliminado seu irmão oponente, o qual, depois de passados os momentos insanos e chocantes das agressões, foi levado a um hospital de Manaus, onde recebeu cuidados médicos, como máscara, e até uma bandagem em torno da cabeça bastante machucada. Omar ainda quis invadir o hospital, na insana tentativa de repetir o ataque, mas foi impedido pelos funcionários. Então, só depois desses horrorosos acontecimentos, o engenheiro pôde retornar, pela última vez, a São Paulo, não sem antes fazer exames de corpo de delito pelas agressões desferidas pelo irmão rebelde. Em seguida, depois de tudo documentado, Yaqub, sem dó e nem piedade, constituiu um advogado como seu legal representante, para assim reclamar na Justiça, a punição do agressor. “O protesto dos jovens continuará porque é uma necessidade biológica. ‘Por natureza’, a juventude está na primeira linha dos que vivem e lutam por Eros contra a morte e contra uma civilização que se esforça por encurtar o “atalho para a morte”, embora controlando os meios capazes de alongar esse percurso” (MARCUSE, 1966, pag. 23).

Depois das tensões e traumas da briga entre os rivais, Omar some de casa. Volta à vida de perambulante. Só que agora não é mais só um andarilho comum. O hippie retorna ao modelo de vida do início do movimento, quando os primeiros deles viviam ameaçados e vigiados, correndo e se escondendo das garras da polícia, que, autorizada pelas autoridades repressoras do Estado, os perseguiram, atingindo-os com pancadas e até prisões. Entretanto, o rebelde ainda assim continuou com sua vida libertária, esbaldando-se com festinhas e

bebedeiras, sessões de sexo com garotas do interior do Estado, lá pelos quartos da Pensão dos Navegantes. Rânia é quem ainda pagava as tais despesas das últimas orgias do agora rebelde fugitivo e foi ela também que, sem esperar, numa tarde qualquer, presenciou que o Caçula não conseguira escapar dos agentes da Lei. Ele foi apanhado nas proximidades da Praça das Acácias e antes de ser preso e levado para a cadeia onde vai passar mais de dois anos, por desdenhar dos policiais que o prenderam, recebe como resposta, uma coronhada de um dos revólveres deles, causando-lhe sangramento, o que choca e condói ainda mais a irmã, como relata a passagem a seguir: “Então ela soube que o irmão passara uns dias encarcerado no Comando Militar, e eu intui que sua amizade com Laval era uma forma de condenação política” (HATOUM, 2000, p. 194).

Com o fracasso total das pretensões dos negócios comerciais de Omar com o indiano Rochiram, causado pela intromissão de Yaqub. O estrangeiro procura Rânia, a única filha do casal de libaneses, que, desde antes da morte do pai Halim, já assumira, com competência e dedicação, a administração e o gerenciamento da loja deles. O gringo exige ressarcimento dos prejuízos financeiros com a falência dos empreendimentos do tal hotel. Assim sendo, agora, a família deles não só estava incompleta, pois já morrera seu pai e a agregada Domingas, mas também estava esfacelada, degenerada, despedaçada pelas feridas abertas pelos conflitos, pelos desencontros e embates provocados pelos irmãos inimigos, que como uma espada ferina e perversa atravessou a vida deles e sangrou a alma de todos daqueles que ali viveram e moraram.

Restava à moça e à mãe a casa grande, para vender ou entregar por conta, com seus fantasmas, com suas lembranças das histórias de tudo e todos que nela habitaram ou a visitaram nos momentos de festas e comilanças. Porém, aquele imóvel não passava de um prédio decadente, já bastante descuidado e envelhecido e que, naquele momento da vida dos remanescentes dos velhos libaneses, simbolizava a mais perfeita metáfora das ruínas, dos destroços, dos escombros, das desgraças vividas por um grupo de seres humanos cada um com seus pecados. Aquela que fora, antes deles um lar, agora, fazendo assim uma analogia comparativa, ao se olhar a fachada, ou suas paredes internas e externas em decomposição, pareciam querer profetizar o que iria acontecer anos mais adiante, com o marcante e simbólico muro de Berlim, que, por anos a fio, antes de ser demolido, dividiu duas ideologias antagônicas, mas que também escondia dramas e tragédias nas vidas de milhares de seres humanos adeptos ou vítimas delas, espelhando, retratando, repetindo acontecimentos semelhantes aos ocorridos com os da família de *o Dois Irmãos*.

Assim sendo, sem alternativas, Rânia cedeu. A ainda jovem, mas eficiente e decidida comerciante, para não prejudicar ainda mais os irmãos dela, entregou por conta a velha casa deles ao tal empresário estrangeiro, exigindo, porém, que a outra casa menor, dos fundos, ficasse fora do negócio, pois lá estavam os cômodos onde Domingas morara até a morte. Portanto, continuaria como moradia para Nael, filho da índia agregada e sobrinho dela. Então, a tia diz ao sobrinho: “Tua herança, murmurou Rânia!” (HATOUM, 2000, p. 190) e assim foi feito. A jovem adquiriu um novo imóvel, em outro lugar novo da cidade, depois de muita luta e de muitas conversas para convencer a mãe a assinar os documentos da entrega da casa antiga para, então, só depois, elas abandonarem a velha residência. A casa seria demolida, apagando, assim, de vez, a história de todos eles. Em seu lugar, o indiano ergueria uma loja de importados, como se fosse um forte símbolo do triunfo do Capitalismo que, naquele momento de decadência da família, parecia bem recebido e festejado por muitos da cidade da Zona Franca de Manaus.

Sem outro jeito, as duas, mãe e filha, mudaram-se e juntas recomeçariam a vida em um novo endereço, o último de Zana, pois neste ela iria adoecer mais e, sem jamais ter visto outra vez seus filhos gêmeos rivais, nem juntos nem separados, vai internar-se numa clínica, onde terá seu passamento. Como se buscasse uma última gota de bálsamo como alívio do seu espírito pelas dores de uma vida inteira, momentos antes da morte, ela pronuncia com voz penosa: “Meus filhos já fizeram as pazes?” (HATOUM, 2000, p.12).

O relógio do tempo rodou, mas as marcas das feridas, as dúvidas, as lembranças doloridas teimam em produzir tristezas, contínuas amarguras que insistem em temperar os dias e as noites da vida de todos que sobreviveram àquelas tragédias que, ao longo daqueles anos, se sucederam em cenas e atos como se fossem uma sinistra peça de teatro desfiando-se no palco da existência de todos da antes família dos libaneses. Yaqub, como sempre, frio, calculista, fechado em seus planos de ambição e estratégias de vida, ainda escreveu algumas lacônicas linhas a Nael, sempre sem mencionar, perguntar ou comentar algo sobre os irmãos e sequer respondeu alguma carta de Rânia. Terminou morrendo lá por São Paulo mesmo, sem nunca ter explicado, esclarecido, relatado o que realmente acontecera no episódio dos negócios do hotel com o tal indiano Rochiram.

Interpretando Althusser em sua obra já referida, Omar, o rebelde, contrapôs-se a vida inteira aos aparelhos ideológicos e repressores do Estado, não aceitando que reprimissem seu instinto de liberdade e plena satisfação de seu Eros. Porém, ao final de tudo que viveu, pagou

sua desobediência, sendo punido pelas forças dos aparelhos repressivos de Estado, a Polícia, a Justiça, o Presídio.

O transgressor, depois de preso, foi levado a julgamento e recebeu uma pena de dois anos e sete meses em regime fechado. A incansável irmã Rânia, contudo, nunca o abandonou. Pagou advogados, subornou carcereiros, pois não suportava ver o irmão terminar os dias encarcerado naquele presídio fétido, inóspito, escuro, úmido, sombrio, pois, quando chovia na cidade, as celas de lá alagavam e, junto com a água das chuvas, vinham as cobras, as sanguessugas, os muçuns que se juntavam aos morcegos e aos ratos que por lá já habitavam. Então, Rânia, apesar de ainda solteira, pois nunca se casara e agora já nem mais tão jovem assim, insistiu, lutou, fez tudo que foi possível fazer, gastou tempo e dinheiro, mas conseguiu, depois de um pouco mais de dois anos, portanto, antes do final da pena, libertar o irmão rebelde daquele presídio tenebroso.

Depois de todas as desilusões, frustrações e decepções e dessa dura batalha de libertar Omar, ela ainda sonhou com a possibilidade de o irmão, agora ex-presidiário, ir morar com ela, já que, depois da morte da mãe Zana, sobrara um quarto na casa nova que poderia ser ocupado pelo rebelde. Ledo engano, isso nunca aconteceu, como se pode ler em mais um trecho da obra de Hatoum narrado por Nael:

Ainda chovia, com trovoadas, quando Omar invadiu meu refúgio. Aproximou-se do meu quarto devagar, um vulto. Avançou mais um pouco e estacou bem perto da velha seringueira, diminuído pela grandeza da árvore. Não pude ver com nitidez seu rosto. Ele ergueu a cabeça para a copa que cobria o quintal. Depois virou o corpo, olhou para trás: não havia mais alpendre, a rede vermelha não o esperava (HATOUM, 2000, p. 198).

Por fim, depois de sair da prisão, em uma única vez como registra a parte em destaque acima. Omar, numa tarde muito chuvosa, apareceu. Entrara pelo beco deixado por Rochiram quando da construção da loja de importados no lugar da antiga casa deles, para que Nael morasse nos cômodos dos fundos, aquela mesma casinha que ele recebera como herança para residir. O neto de Halim o avistou, já dentro do quintal, quis lhe falar, saber mesmo se poderia ser filho dele, porém, num átimo, o Caçula sumiu, desapareceu. Rânia, ainda por várias vezes, procurou-o em alguns lugares da cidade, mas nunca mais o encontrou, pois, como os hippies sempre faziam, ele escolhera mesmo perambular pelas ruas, onde é o lugar preferido e adequado para aqueles que não aceitam regras, régua nem compasso do mundo e nem de

ninguém que queira desenhar, com medidas exatas ou não, o espaço e o tamanho de seus instintos.

Deste modo, terminamos esta parte muito importante deste trabalho, buscando um resumo, se é que é possível resumir o perfil de dois personagens tão complexos quanto diferentes, apropriando-nos das palavras do professor Vitor Leandro a respeito da personalidade dos gêmeos, que assim se pronunciou,

Yakub, que teve o rosto marcado pela violência do irmão, mesmo sem ter feito algo que a justificasse, fora punido e enviado para a terra natal de seus pais, de onde voltou cinco anos depois, sem dizer qualquer palavra sobre o que vivera por lá. [...] Ele, que passou muito tempo em lugares distantes e sendo um visitante, agora era um estrangeiro em sua própria casa. Não se sentia à vontade e rejeitava os divertimentos comuns aos da sua idade. Voltou-se para os estudos e, por meio destes, conseguiu um meio de sair de Manaus, partindo novamente para o exílio, desta vez definitivo, em São Paulo (SILVA, 2012, p.119-20).

Quanto ao segundo gêmeo, vemos que ele é um símbolo da decadência,

Já o irmão [Omar], este é um símbolo da decadência. Deixou-se sucumbir pela voluptuosidade e sensualismo amazônicos, e acabou desconstruindo-se, inebriado em ilimitados prazeres sensoriais. Ele é a representação entre o rigoroso *ethos* árabe, presente na sua educação familiar, e a moral dos trópicos, dois modelos de formação de identidade que, quando postos em conflito, resultaram na queda de Omar (SILVA, 2012, p. 121).

4. OUTRAS REPRESENTAÇÕES POLÍTICAS

Sabe-se que os brasileiros formam um povo que tem em sua constituição étnica três matrizes: a branca, a africana e a indígena que já estava aqui. Miscigenaram-se, mas não perderam suas essências biológicas, culturais e políticas: “Os portugueses que vieram para o Brasil formavam um grupo hegemônico de variadas posições sociais. É falsa a ideia de um Brasil colonizado, exclusivamente, por criminosos e degradados de Portugal” (VIEIRA. MATOS p. 129, 2010). Os africanos também não são oriundos só de uma única tribo. Foram trazidos de várias partes do seu continente. Assim sendo, o povo brasileiro é o resultado dessa mistura com seus costumes, crenças e tradições diversas, reunindo em sua massa social representações políticas bastante diferentes.

Por isso, nesta parte, tratar-se-á do malandro, do negro, do escravo, do índio e do agregado. Deva-se aqui alertar que, a rigor, nem todas essas representações referidas estão presentes no corpo narrativo do romance *Dois Irmãos*. Porém, as que deste fazem parte, como Domingas e Nael, mãe e filho, ela, além de índia, junto com o filho eram também agregados. Assim como personagens de muitas outras obras do Romantismo e do Realismo brasileiro, que também realçam como representações políticas, pois suas ações, participações na estrutura desta obra estudada, e de outras bem conhecidas, como *O Guarani*, de Alencar, *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, espelham as relações de direitos e deveres, de omissões, humilhações e cumplicidades, com a sobrevivência e convivência entre patrões e empregados, com outras pessoas e suas classes sociais. Esses relacionamentos, na maioria dos casos, são refletidos em seus modos de existência os quais constroem diferenças na inserção ou não no processo civilizatório. Numa dimensão mais ampla, são modelos de indivíduos presentes e atuantes no contexto sociocultural das sociedades humanas, mas de formas bastante diferenciadas. Domingas não é uma índia e nem uma agregada qualquer. Do mesmo modo Nael, que é seu filho com um dos gêmeos, portanto, neto dos patrões libaneses, no entanto, nunca foi tratado exatamente como tal por todos da casa onde moravam. Ele foi fruto de um estupro, mas, ainda rapazinho, cometeu incesto com a tia, Rânia.

Por tudo isso, por suas participações nas tramas do enredo do romance, não há como escondê-las, ignorá-las neste trabalho. Essas personagens-pessoas, de alguma forma, participam da organização social-política e econômica do Estado, já que elas representam uma realidade. A presença do malandro, por exemplo, começa na nossa Literatura com Leonardo

Pataca, em *Memórias de um Sargento de Milícias* (2012), de autoria de Manuel Antônio de Almeida. Pataca, “que é filho de uma pisadela e de um beliscão”. Nasce e ainda menino é abandonado pelo pai e pela mãe e termina sendo criado por um barbeiro. O malandro mente, simula, falseia, engana, perambula por vários endereços, sendo, desde muito cedo, autor de inúmeras “diabruras”, ciladas e trapalhadas, com padre, cigano, comadres e outros, chegando, inclusive, a ser preso pelo Major Vidigal por mais de uma vez.

Assim sendo, a tal narrativa folhetinesca promove muitos encontros e desencontros na vida de Leonardo Pataca, até ele chegar ao posto de Sargento de Milícias, corporação responsável pelo combate à malandragem, e, só então, ele morre. Depois da leitura e de algumas análises das peripécias de Pataca, inapelavelmente, surgem no leitor questionamentos como: Será que o que o referido personagem fez na infância, na juventude e até quando adulto, foi mesmo tudo malandragem? Ou foram gestos, atos, ações de alguém que, vivendo numa sociedade perversa, preconceituosa, consumista, enfrentando quase sempre circunstâncias adversas, não seria induzido e até forçado a usar o malogro como instrumento de sua sobrevivência? Como explica conceitualmente a citação a seguir: “O resultado da miscigenação entre índios, negros, e brancos gerou basicamente três tipos de mestiços: cafuzo (índio e negro); mulato (negro e branco) e caboclo (índio e o branco).” (VIEIRA. MATOS, p. 129, 2010). Então, já houve, há ou haverá igualdade de condições de sobrevivência na sociedade entre esses elementos da etnia brasileira?

Há muitos outros tipos de malandros com destaques na galeria das personagens das narrativas romanescas brasileiras. *Macunaíma* é um deles, se não o maior de todos. Essa obra, que é o resultado de uma grande pesquisa sociológica, antropológica feita por Mário de Andrade (2016), em várias regiões do Brasil, procura fazer um retrato do brasileiro, fruto desses processos de miscigenação acima referidos, os quais produziram “O herói sem caráter”. Isto é, um ser de caracteres diferentes uns dos outros, que são produtos de misturas de raças também diferentes. Alguns desses modelos de brasileiros possuem, como principal característica, a preguiça, a descontração, a malandragem, o que se contrapõe aos padrões do nobre afrancesado de *I-Juca-Pirama* (2010) de Gonçalves Dias, que é um índio cheio de virtudes e valores europeus. Por isso, mais tarde, Alencar teve que rebater críticas de Joaquim Nabuco que chamou esse tipo de personagens-índios de “falsos” e “inverossímeis” (JOAQUIM NABUCO, 1875, Apud OLIVA DOS SANTOS, p.23, 2009).

Considere-se, aqui, que *Macunaíma* é uma narrativa mítica. Entretanto, esse malandro, que nasceu às margens do rio Uraricoera, em plena Floresta Amazônica, é moleque desde

criança, período no qual, a exemplo de Leonardo Pataca, também já inicia suas travessuras. Começa pela busca de prazeres sexuais com a mulher do irmão Jiguê. Como castigo por suas traquinagens, logo também é abandonado pela mãe. Depois de enganar o curupira, com a ajuda dos irmãos, faz sexo com Cicom quem tem um filho, que morre. Recebe de Ci, que antes de morrer e subir ao céu transformando-se em estrela, como presente, a famosa pedra muiraquitã, um tipo de talismã ou amuleto. A perda desta o faz aventurar-se na vida urbana.

Macunaíma vai para São Paulo, depois chega até ao Rio de Janeiro, sempre enganando, falseando, simulando situações a ele favoráveis. Chega a pensar em ir até ao exterior, mas não consegue enganar o Governo com a aquisição de uma bolsa de estudo. Depois de viajar por várias outras partes do Brasil e recuperar, das mãos do monstro, sua muiraquitã, Macunaíma retorna às suas origens amazônicas e, numa das últimas de suas lutas contra outro monstro, perde uma de suas pernas e também seu amuleto. Então, sobe ao céu e se transforma na estrela Ursa maior (DIAS, 1851). Assim, a arte literária revela mais um tipo de malandro, que, dependendo da circunstância, do ambiente social-econômico, de qualquer necessidade existencial, transmuta-se, assume jeitos, formas para assim sobreviver, sendo, inclusive, individualista, preguiçoso, vivendo a vida sem responsabilidades, mentindo, metamorfoseando-se sempre que a situação lhe convém, sem também se esquecer de privilegiar os prazeres mundanos, principalmente os sexuais.

Um terceiro malandro que será mencionado neste trabalho, dentre tantos outros de posto alto e que já desfilaram na cena literária da prosa nacional, é Valdomiro Santos Guimarães, o Vadinho, casado com Florípedes Guimarães, a Flor, uma bela baiana professora de culinária. Juntos são os personagens principais do romance, *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, de autoria do escritor baiano Jorge Amado (2008). Vadinho, como é chamado pelos conhecidos, é um boêmio inveterado, que vive perdendo dinheiro no jogo, mas ganhando muitas outras mulheres além da sua Flor. Adota uma vida desregrada, em jogatinas regadas a álcool. Noites e noites de sono perdido na esbórnia. De certa forma, Vadinho adota um estilo muito parecido com algumas fases da vida do hippie Omar. Vive sempre sem nenhum compromisso com a esposa ou com o lar deles. Ao contrário, por muitas vezes empresta, mas não paga, até sarrupia, o pouco dinheiro ganhado pela esposa Flor com suas aulas de culinária. De tanta agressão ao seu próprio corpo com as orgias constantes, mesmo ainda estando jovem, em um domingo de carnaval, em pleno desfile do seu bloco carnavalesco, o malandro Vadinho não resiste mais ao êxtase da boemia e seu coração para de pulsar. O famoso marido de Dona Flor está morto.

Flor, que, apesar das travessuras, das mentiras, das trapalhadas e deslizes conjugais do marido, ainda assim o amava. Tanto que, depois de um ano de viuvez, mesmo ela se casando com o farmacêutico Teodoro Madureira, com quem até consegue ter uma vida mais calma, mais tranquila e até feliz, Flor sente ardorosas saudades do finado marido, o malandro Vadinho, cujas peraltices, agora, vão além das fronteiras da morte. Depois de algum tempo, chamado pelos suspiros ardentes dos desejos da esposa Flor, que sempre sentira uma paixão avassaladora pelo marido malandro, Vadinho volta do além e passa a dividir a cama, o quarto, a casa e a vida do casal Flor e Teodoro. O malandro permanece aparecendo sempre só aos olhos de Flor. E, assim, os três, principalmente Vadinho, que despido e sempre disposto a quebrar regras, paradigmas daquela conservadora e tradicional sociedade baiana, protagoniza hilárias, eróticas, sensuais e engraçadas cenas, mostrando ao público leitor que nem a morte fora capaz de destruir o espírito rebelde, libertário, até devasso que compunha aquele perfil de malandragem, de pura desfaçatez e irreverência de Vadinho. Comportamento bastante parecido como o dos jovens engajados nos movimentos da contracultura, principalmente em suas festas e passeatas quando mostravam seus corpos, usando poucas roupas como as minissaias, camisetas, até *topless* e outros.

Assim sendo, remeta-se aqui, por analogia comparativa, para assim se construir um contraponto ao perfil dos irmãos rivais do romance *Dois Irmãos*, os quais, em suas disputas, jamais se esquivavam de seus opressores e muito menos da realidade imposta pelas instituições formadoras e reprodutoras de ideologias, durante todo percurso de suas vidas. Como bem confirma a passagem a seguir: “Mas o teu filho topa todas, Halim. Colhe a orquídea mais rara, mas também arranca a aninga da lama” (HATOUM, 2000, p.159). Enquanto o malandro brasileiro jamais enfrenta aquilo que lhe oprime. Ao contrário, em grande parte das situações de seus conflitos com a realidade, quando lhes são adversas, seu modelo de transgressão é procurar se desviar, burlando-as, buscando a satisfação de seu Eros sem aderir ou se opor diretamente aos Aparelhos Ideológicos ou repressores de Estado.

A presença do índio na Literatura brasileira com José Basílio da Gama (1741-1795). Poeta do Arcadismo brasileiro, autor do conhecido poema épico *Uraguai* (COSTA, 2010), cujo tema é a guerra dos portugueses e espanhóis contra os nativos dos sete povos das missões, na hoje região do Rio Grande do Sul. Esse texto discorre sobre o perfil do índio, apresentando-o como um virtuoso, seguidor dos valores e dos bons costumes daquela sociedade. A figura indígena também é assunto do maranhense Gonçalves Dias, poeta do Romantismo brasileiro, que retomou o nativo como tema da maioria de seus poemas, também

lhe atribuindo boas e nobres qualidades. Em medidas diferentes, tanto um quanto o outro obedeciam aos princípios civilizatórios europeus, como bem reforça o trecho seguinte: “Não foi impresso, no entanto, como figura humanizada [...]. Foi, antes de tudo, um emblema cerzido com as cores locais e que escondia, sob seus pontos em relevo, o constante matiz do nativo selvagem, a quem o não índio deveria civilizar, impondo sua cultura [...]” (OLIVA DOS SANTOS, p. 21, 2009).

Portanto, o índio quase nunca é apresentado de ângulos e perfis dentro de sua verdadeira realidade. Esses autores apresentam sempre os nativos como alguém honesto, guerreiro, defensor das virtudes e das boas causas. Um tipo de herói medieval, porém, um herói que, ao final dos conflitos com o mundo real, acaba quase sempre morto, vencido. Apesar de não aceitar se escravizar por aquela mesma sociedade conservadora, escravocrata, que o quer civilizar, aceita escravizar-se pelos desígnios do amor, pelo qual valia dar até a própria vida. Dessa forma, o indígena estava também enquadrado em um dos ideários do Romantismo, estilo literário da época. Esse perfil chega e continua com José de Alencar (1829- 1877). É verdade que este incorpora ao referido perfil dos nativos outros atributos, como o conhecido espírito utópico nacionalista, que faz do índio, em várias de suas obras, personagens de grande destaque, como: *Iracema* (2010); *O Guarani* (1857); *Ubirajara* (2002), por exemplo.

Esse autor cearense é até chamado por muitos como escritor indianista. Com ele, o índio tornou-se o grande protagonista de várias de suas obras. Alencar realiza a premissa do conhecido “mito do bom selvagem”, de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778): “O homem nasce puro, a sociedade é que o corrompe”. Assim, ele descreve e insere o indígena, tanto do sexo masculino quanto feminino – Peri, *Iracema*, por exemplo, como seres puros, ingênuos, sem ganâncias e incapazes da prática do mal. Com isso, mostrava ao leitor que negativas transformações acontecem com os nativos, quando eles entram no convívio com os “civilizados”, contaminando-se com os defeitos e as maldades destes. Tal contato estraga o meio, antes puro e natural, tornando-os, em certos casos, perversos, traiçoeiros, contaminados que foram pelas mazelas humanas dos brancos. A exposição desses argumentos, acompanhados de algumas análises acima, tem a didática intenção e a compreensão de alguns aspectos do perfil da índia/agregada Domingas de *Dois Irmãos*. A índia fora arrancada do seio de sua tribo, no alto rio Negro, pelas freiras salesianas e trazida para um orfanato em Manaus, depois doada a uma família de estrangeiros, na qual permaneceu até a sua morte, sempre

tendo mais deveres que direitos, sem que jamais lhe tenham proporcionado a satisfação de seus desejos e sonhos de felicidade.

Domingas não viveu no século XVIII, nem no XIX, mas, sim, num período no qual havia uma sociedade já consumista, que se dizia industrializada, moderna, mas que sustentava em suas entranhas os ranços do colonialismo, do escravismo em vários setores que instavam os negros, os índios, as mulheres, por exemplo, constituindo, dessa forma, muitos contrastes políticos, sociais e econômicos, entre os quais Domingas se incluía. Ela se agregara à família dos libaneses antes do nascimento dos gêmeos rivais, como está registrado nas palavras de Halim: “Uma menina mirrada, que chegou com a cabeça cheia de piolhos e rezas cristãs” (HATOUM, 2000, p. 64). Entretanto, a indiazinha logo se tornou uma serviçal de força adulta que cuidava do fazer a feira, do almoço, do jantar, da faxina da casa, até da roupa e da alcova dos patrões, sem contar o apoio trabalhoso dado à Zana nos dias e noites, quando dos desaforos, das grosserias, dos abusos e estragados provocados na casa pelas bebedeiras e os ataques de fúria e revolta de Omar, por quem, inclusive, certa noite, foi estuprada, como ela mesma conta ao filho Nael: “Com o Omar eu não queria... Uma noite ele entrou no meu quarto, fazendo aquela algazarra, bêbado, abrutalhado [...] Ele me agarrou com força de homem. Nunca me pediu perdão” (HATOUM, 2000, p.241).

A personagem Domingas é contraditória, complexa, porém, muito rica. Ela reúne em si características do índio, do escravo e do negro e também do agregado. Exerce todos esses papéis sem deixar de ser mãe de Nael, de gostar, considerar e respeitar os patrões. Índia, porque foi trazida sem querer, mesmo não tendo pai nem mãe, pelas freiras religiosas para um orfanato onde trabalhou, rezou, apanhou de palmatória até aprender as primeiras letras.

Escrava, porque trabalhava, do amanhecer ao entardecer, cuidando praticamente de tudo na casa dos libaneses, sem salário definido, sem o descanso devido e merecido, em atividades que precisariam de duas ou três pessoas adultas para executá-las. Como trabalhadora, Domingas praticamente só conhecia deveres e quase nenhum direito.

Negra, porque, em seus raríssimos momentos de descanso, quase sempre à noite, recolhia-se e deitava-se em sua rede de pano atada num cômodo de uma casinha onde morava com o filho Nael, localizada nos fundos do quintal da casa grande de seus patrões. E, então, como se sofresse de um tipo de banzo, desabafava com o filho palavras carregadas de um doloroso sentimento de melancolia e saudades de seus pais, de sua terra natal, com lembranças de sua infância e sua gente lá do rio Jurubaxi no alto rio Negro. Como muito bem ilustram os relatos, as memórias de Nael, a seguir: “Nossas conversas rareavam, e, quando ela

folgava, sentava ou deitava na rede, inerte. Só uma vez ao anoitecer, começou a cantarolar uma das canções que escutara na infância, lá no rio Jurubaxi, antes de morar no orfanato de Manaus” (HATOUM, 2000, p. 239/240). Durante muitos anos, em tempos anteriores, Domingas também demonstrou essa saudade, esculpindo, em madeira, miniaturas de pássaros e outros bichos cujas imagens viviam em suas lembranças da floresta e dos rios onde morara na infância.

Desse modo, Domingas não foi uma personagem do Arcadismo, nem do Romantismo ou do Realismo brasileiro. Mas, por meio de análises e comparações, apesar de suas contradições e complexidades, encontram-se nela características literárias comuns aos tipos de personagens dessas referidas épocas, a despeito de Domingas pertencer a um romance cujo estilo é tipicamente modernista, escrito e publicado na parte final do século XX.

Indo adiante, como a metodologia aplicada neste trabalho, que é a analítica comparativa, parece válido e adequado expor análises e estudos de autores reconhecidamente conhecedores deste assunto aqui tratado. O escravo, que pelo menos na Literatura, com o negro, é como a semente e sua árvore: Um está contido no outro. Segundo exposto no artigo “A trajetória do negro na Literatura brasileira”, de autoria de Domício Proença Filho (2004) em que se aborda o desempenho, tanto do negro quanto do escravo, sempre como estereótipos. Proença fundamenta seu texto, usando até exemplos de poemas ainda lá do século XVII, nos versos satíricos de Gregório de Matos (apud PROENÇA, 2004, p. 162) penúltima e última estrofes.

[...] Quem são seus doces objetos?...Pretos.
Têm outros bens mais maciços?...Mestiços.
Quais destes lhes são mais gratos?...Mulatos.

Dou ao demo os insensatos,
Dou ao demo a gente asnal,
Que estima por cabedal,
Pretos, mestiços, mulatos!

Proença, em sua análise, aponta perfis desenhados, observados em várias obras literárias, como retratos da posição do negro e do escravo sendo quase sempre objetos e quase nunca sendo sujeitos. Para isso, o estudioso perpassa também a poesia de cunho social de Castro Alves, o Poeta dos Escravos, sem tirar desta seus méritos, sua importância literária e histórica, porém, nela encontrando estereótipos do negro como vítima, um pobre coitado,

merecedor de misericórdia, mas, ao mesmo tempo, também desejoso de vingança. Isso não impede que esse mesmo negro, mais adiante, associe-se ao estereótipo do escravo nobre, mas que só consegue sua ascensão social por meio da submissão. O referido autor pontua como exemplos, Isaura, a escrava branca, personagem protagonista do romance “A escrava Isaura”, de autoria do romântico Bernardo Guimarães (1872). A bela e talentosa Isaura aceita resignada todas as humilhações que lhes são impostas pelos senhores, mesmo, em muitos aspectos, sendo até mais culta e mais prendada do que muitas outras moças brancas e livres da região do município de Campos, no interior do Estado do Rio de Janeiro. Porém, ela só vence porque é resgatada pela grandeza do amor de um fidalgo e ajudada pelo branqueamento de sua pele.

Do mesmo modo, Proença o faz com Raimundo, o mulato belíssimo de olhos azuis, personagem protagonista do romance “O Mulato”, de autoria do naturalista Aluísio Azevedo. “Raimundo, por sua vez desconhecedor de sua origem de mãe escrava, sabida, porém, por quantos conheceram os seus parentes no Maranhão” (apud PROENÇA, 2004, p. 163). No entanto, também é verdade que Raimundo, ao se sentir rejeitado, irrita-se, revolta-se e, até por isso, termina perdendo a vida, constituindo-se, assim, naquele estereótipo cujo alvo de redenção é a vingança.

Desse modo, não é difícil identificar essas personagens mencionados como sendo também importantes representações políticas que refletem modelos de pessoas nas sociedades ditas civilizadas. Assim sendo, com exceção do malandro, personagem inexistente no romance em estudo, o índio, o negro, o escravo e o agregado, todos, de alguma forma, estão presentes na composição da personagem Domingas que, além do ser índia, da orfandade, do trabalho escravo, do sofrimento imposto pelas freiras no orfanato, do estupro cometido por um dos gêmeos, engravidou de um deles e teve que parir e criar seu filho vendo-o não ser tratado como realmente o deveriam todos da casa de seus patrões, avós de seu filho Nael. Com alguma exceção, ainda o fez o avô Halim, que também não passava de um sofredor diante da guerra entre os filhos, conforme ela mesma Domingas relata a seguir:

Quando tu nasceste, seu Halim me ajudou, não quis me tirar de casa [...] Prometeu que ias estudar. Tu eras neto dele, não ia te deixar na rua. Ele foi ao teu batismo, só ele me acompanhou. E ainda me pediu para escolher teu nome. Ele me disse o nome do pai dele. Eu achava um nome estranho, mas ele queria muito, eu deixei [...] (HATOUM, 2000, p.180).

Decerto que Domingas foi mesmo vítima de tudo que Omar sempre combatera, submetendo-se às opressões dos aparelhos ideológicos, desde sua estada no orfanato religioso, onde por dois anos foi submetida às regras rígidas de trabalhos e comportamentos não muito dignos, sempre sob às ordens e os caprichos de irmã Damasceno. A índia agregada, até quando Zana, em desespero, foi implorar ao padre diretor da escola salesiana, da qual Omar foi expulso por ter agredido o professor e também padre Bolislau, acompanhou a patroa, apoiando-a, assistiu a todas as cenas de humilhação que sua patroa Zana foi obrigada a passar e também sofreu com ela todas as consequências daqueles acontecimentos dolorosos para qualquer mãe.

A mãe de Nael também concordou com o batismo do filho na igreja da paróquia dos patrões. Trabalhou de sol à noite para atender às obrigações daquela família. Sua participação, sua influência, os vínculos sentimentais, pessoais e familiares, os quais determinam toda a importância de Domingas, na casa e na vida de todos os membros da família dos libaneses, são imensuráveis. Ela se agregou a eles ainda criança. Índia órfã, pobre, desprotegida. Mesmo assim, esteve sempre à margem e com possibilidades remotíssimas de se integrar a uma das classes sociais vigentes em seu tempo. Assim, acompanhando a caminhada de Domingas, comprovando todos os seus méritos reconhecidamente dignos e honrados, ela sofre, sendo vítima dos mesmos paradigmas, das mesmas barreiras comuns aos muitos outros agregados não tão dignos assim, personagens já antes conhecidos de alguns romances da literatura brasileira, como José Dias, de *“Dom Casmurro”* (2002), de autoria de Machado de Assis (1839-1908). Este, para driblar as ações agudas dos Aparelhos Ideológicos e repressores do Estado, os quais sustentavam a hierarquia social e econômica daquela sociedade na qual ele vivia, mente, dissimula, finge e manipula as vontades senhoriais, para assim se agregar, adquirir confiança e conseguir seus objetivos de emancipação, construindo, então, a comum e já conhecida relação ambígua entre eles agregados e seus senhores.

Desse modo, evidencia-se uma espécie de teoria da proximidade versus familiaridade: são livres, porém, não são autônomos. Contudo, não pode se negar que Domingas está em outro patamar, acima da prática dessas estratégias do malogro visando ao crescimento econômico e social, como diz a freira Damasceno, quando da doação da menina: “Dona Zana, a tua patroa é muito generosa, vê se não faz besteira, minha filha. As duas foram até a porta e Domingas ficou sozinha, contente, livre daquela carrancuda” (HATOUM, 2000, p. 57). Ela não vai viver com os libaneses para obter soldos, juntar algum patrimônio, *status* sociais, ou criar intencionalmente neles dependência de seus préstimos. Domingas conquista, constrói

efetivos laços profundos de amizade, gratidão e respeito. O velho libanês chega a brigar nas ruas de Manaus, para defender sua honra, é verdade, mas também, de alguma forma, a honra de Domingas: “É que Azaz, vagabundo e peitudo, espalhou que Halim andava no maior chamego com as índias, a empregada dele e as da vizinhança” (HATOUM, 2000, p. 113).

Halim, o pai, reconhece os cuidados, a dedicação dela com sua família, talvez por isso devota à agregada Domingas notório respeito e consideração. E ela retribui “Esse matrinxã já foi fresco, agora só serve para gato de rua”. Domingas também não comprava peixes lisos, para servir à mesa da casa de Halim. “São reimosos, não prestam, dão doenças de pele” (HATOUM, 2000, p. 121). Ela respeitava a todos os vendedores, principalmente aos mais pobres, mas era zelosa com as causas da família dos patrões. Enquanto para Zana, a mãe: “Ela era teimosa, se sentia melhor quando dava ordens” (HATOUM, 2000, p.65). Porém, tinha consciência de que, sem Domingas, tudo em sua casa se tornaria pior. Então, talvez levada pelo desespero da lida com o filho rebelde, Zana resistia em cancelar o legado de Domingas, mas, depois, em atos ou palavras, também terminava reconhecendo-o tornando-se, dessa forma, imprescindível a atuação da amiga índia para todos daquela casa.

Intertextualizando com mais um exemplo de agregado, inclua-se o de Ricardo coração dos outros, um dos personagens do romance *O Triste fim de Policarpo Quaresma* (2011) de autoria de Lima Barreto. Mesmo sendo mulato, boêmio, tocador de violão, portanto, um instrumento não respeitado pelas classes altas da sociedade, mantém seu vínculo de amizade e fidelidade com Quaresma, do começo ao fim da triste história do amigo. Por isso, por essa virtude demonstrada e praticada por Ricardo coração dos outros, que não é apenas o professor de um instrumento musical de Quaresma, sendo muito mais que isso. Coração dos outros se assemelha, aproxima-se de uma das qualidades de Domingas, a incondicionalidade da amizade, que a fidelíssima escudeira de todos os membros da família de Halim e Zana praticou-a até sua morte.

Portanto, conclui-se que Domingas é uma empregada doméstica aparentemente comum e, ao mesmo tempo, bastante contraditória, complexa, pois é uma serviçal por quase todo o tempo dos dias, dos meses e dos anos, sem salário e direitos definidos e, se não gosta, parece aceitar sê-lo, como se fosse uma missão, conformando-se. Desde modo, isso a torna uma personagem rica, densa, porque ela reúne em si vários modelos de personagens já representados na Literatura brasileira, como o índio, o escravo, o negro, o agregado, porém ela não é idealizada nem estereotipada, é humana. Vive sujeitando-se aos ditames da vida cotidiana, não se transmuta, não usa artifícios para enfrentá-los, sendo, assim, moderna, já que

extrapola até o tempo cronológico do romance, porque se constitui como uma representação política atual que denuncia a situação de milhares de pessoas indígenas, negras, crianças, jovens, e adultos pobres que são obrigados a se submeterem ao trabalho forçado e a outras situações quase sempre indignas, numa luta injusta, desigual pela sobrevivência. São verdadeiros objetos, quase nunca sujeitos de uma sociedade perversa e preconceituosa.

Nesse desenho de complexidade em Domingas, há um tipo de comportamento até muito comum entre esses personagens citados e seus senhores. Há um acontecimento que irá transformá-la de uma agregada a um parente afim e, por ironia, lhe trará seu maior e melhor prêmio. Talvez por querer ou não, não se sabe, ela engravidou de um dos irmãos gêmeos. Como ela mesma diz no romance, com Omar ela não queria, mas com o outro, ela nada reclama, ao contrário, por vezes até o elogia, decerto é que Domingas pariu um menino, a quem Halim leva a batismo na igreja católica do bairro, pondo-lhe o nome de Nael, que se efetivou como o elo sanguíneo e familiar entre eles.

Desse modo, Nael, pelo processo de miscigenação, se constitui numa metáfora da formação do Brasil e dos brasileiros, pois é fruto da árvore genealógica das três matrizes étnicas, da referida nação: índio, negro e estrangeiro. Compare-se agora essa constatação, com o final do romance *Dois Irmãos*, pois o tal menino é o único membro da casa dos libaneses que sabe e conhece, por ter assistido ou por lhe terem contado, toda a história de todos e todas daquela família de que ele também faz parte. “Está bem, querido, vamos, vamos [...] é o jeito, não é?”. Palavras carinhosas de Halim, referindo-se ao neto quando este o buscava nas ruas, pois o avô saturado pelas guerras entre os filhos rivais, já não desejava mais nem retornar para casa no início da noite, depois de sair de sua loja (HATOUM, 2000, p.140).

Só Nael é que vai ficar morando na casa dos fundos. Moradia agregada, escondida atrás da antes casa grande dos libaneses, tendo apenas uma passagem estreita, um beco como acesso àquele cômodo do quintal, o mesmo lugar onde o agora homem morou sua vida inteira com a mãe Domingas e, por herança, recebeu-o de sua tia Rânia. Essa situação final do personagem Nael, coincide com o tempo cronológico da história social, política e econômica do Brasil, vivida pelos brasileiros, ao final dos governos do regime militar, iniciado em primeiro de abril de 1964, na qual ambos ficaram em situação de abandono e orfandade.

Ao neto de Halim e Zana restou, como herança, patrimônio e moradia, o cômodo no fundo do quintal. Contudo, no lugar da casa grande dos libaneses que ocupava a frente do terreno e foi entregue por débitos dos irmãos rivais, foi erguido um prédio novo, uma loja de importados, tendo, como dono, o credor já acima conhecido, o estrangeiro Rochiram. O tal

estabelecimento comercial, inclusive, dificultava o acesso de ir e vir do sobrevivente Nael à rua. Assim, conclui-se que o filho de um dos gêmeos rivais também se transformou num agregado do que, na verdade, sempre fora seu de direito. “No projeto da reforma, o arquiteto deixou uma passagem lateral, um corredorzinho que conduz aos fundos da casa. A área que me coube, pequena, colada ao cortiço, é este quadrado no quintal” (HATOUM, 2000, p. 190).

“Tua herança” murmurou Rânia (HATOUM, 2000, p. 190). Assim sendo, em situação similar ficaram o Brasil e os brasileiros, quando foram deixados no mesmo lugar geográfico de antes, depois de 21 anos de ditadura, porém apenas assistindo ao transcorrer de suas histórias, sem ter nenhum domínio sobre estas. Foram deixados no fundo de uma espécie de poço invisível, em um terreno com uma difícil saída, com alguns obstáculos para serem superados. Um deles foi a falta de identidade político-social. Tanto que depois da morte de Tancredo Neves que foi eleito para o cargo, quem assumiu como novo presidente civil foi o Sr. José Sarney, que antes presidia o PDS, partido dos ex-governantes militares, e fora eleito pelo Congresso Nacional, portanto, sem o voto livre, direto e democrático dos brasileiros. Só em 1989, ocorreu a primeira eleição pelo voto direto na qual se elegeu o Presidente do Brasil, o ainda jovem ex-governador de Alagoas, Fernando Collor de Melo, cujo *slogan* de sua campanha era “O caçador de marajás”. Collor foi cassado mais ou menos no meio de seu mandato, que seria de quatro anos (VICENTINO; DORIGO, 1997).

Decerto que o Brasil e os brasileiros continuaram com sérias dificuldades econômicas, num mercado financeiro de juros altos, inflação descontrolada, dinheiro difícil e caro, milhares de trabalhadores sem qualificação profissional e até analfabetos. Toda essa situação, depois de terem sido manobrados, explorados, sobretudo tendo suas riquezas e seus direitos usurpados também por estrangeiros - Fundo Monetário Internacional (FMI), por exemplo. Na parte social, dificuldades na saúde, na educação, na segurança. Some-se com a situação política irregular de muitos brasileiros exilados e auto-exilados, sem contar as restrições a outros direitos civis. Enfim, deixados em situação semelhante à de Nael. Um órfão de sua própria família, a qual ele conheceu e assistiu grande parte de sua história e, agora, depois de anos, ele se vê sozinho, lutando para sobreviver nos fundos de um quintal, com acesso restrito, estreito e difícil para, então, tentar construir uma vida boa e feliz. Uma posição social e econômica muito distante do caminho principal do crescimento e do desenvolvimento normal e natural de um cidadão brasileiro, filho de um país que sempre se disse almejar a vida livre e democrática para todo seu povo.

CONCLUSÃO

Depois de intensas leituras, interpretações, muitas análises, pesquisas, buscando comparações, sempre à luz das obras *Eros e Civilização*, de Herbert Marcuse, e *Aparelhos Ideológicos de Estado*, de Louis Althusser, chega-se a algumas conclusões ao final da feitura deste trabalho dissertativo sobre o tema da rivalidade entre os gêmeos de *Dois Irmãos*. A primeira é que parece ser comum, nas duas principais obras estudadas nesta dissertação, que tratam desse tema, a presença de um viés subjetivo, abstrato, inexplicável, místico que extrapola a tradicional questão de um irmão bom e outro mau. Por isso, esse aspecto torna-se de difícil explicação palpável, consistente. Essa face do referido tema está presente desde Caim e Abel, repete-se em Esaú e Jacó, filhos de Isaac e Rebeca, narrada nos capítulos iniciais da Bíblia, já no corpo deste texto citados. Assim como em Esaú e Jacó, de Machado de Assis, o tema provoca muitas conjecturas e especulações que o colocam como um tipo de mistério.

Primeiro, lembre-se das palavras da cabocla do Morro do Castelo, que assusta Natividade ao afirmar sem ver, sem sentir, que seus bebês haviam brigado no ventre dela. Depois, quando os gêmeos nasceram, as dificuldades enfrentadas pelos pais deles para escolher os nomes dos meninos, porque alguns de seus amigos, avisados das previsões sinistras dos efeitos e dos futuros atritos entre os filhos de Natividade e Santos, chegaram a especular, baseados nos fundamentos do Espiritismo, que os gêmeos seriam a reencarnação dos apóstolos Pedro e Paulo. Segundo registram os Evangelhos, esses irmãos, durante seus trabalhos de pregação do Cristianismo, tiveram alguns entreveros e então, no Rio de Janeiro do final do Império, teriam reencarnado para, nessa nova vida, resolverem tais pendengas.

Em *Dois Irmãos* essa face misteriosa do referido tema também aparece. Anote-se que Halim não queria ter filhos e resistiu a tal pretensão; Parecia-lhe que ter filhos iria prejudicar seu casamento e, realmente, isso ocorreu. Zana, também no início do enlace deles, não nutria grande satisfação pela maternidade como se ela não fosse algo muito importante na vida conjugal. Entretanto, com a notícia da morte de Galib, seu pai, ela passou a sentir um vazio de si mesma. Mesmo casada e apaixonada pelo marido, sentia-se sozinha no mundo. Assim, engravidou e deu à luz a Yaqub e Omar. Desse modo, o lado inexplicável e um tanto místico, do porquê das rivalidades entre irmãos está presente nas histórias das duas principais obras literárias estudadas neste trabalho.

Outra conclusão, esta, a mais importante desta dissertação, já que é a que responde a proposta principal desta pesquisa, refere-se à Sociologia e a Política. Assim, conclui-se que tanto Pedro e Paulo, de *Esaú e Jacó*, de Machado de Assis, quanto Omar e Yaqub, de *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum, para executarem suas rivalidades, constroem sua rivalidade, de acordo com o ambiente em que nasceram; com a sociedade na qual se inseriram e pertenceram e, sobretudo, constituem-se como umas expressões do contexto histórico do tempo em que eles viveram. Então, aderiram e desenvolveram ideologias as quais terminaram por constituí-los como reais representações políticas da sociedade na qual coexistem. Por isso, fizeram de seus ideários verdadeiras trincheiras por meio das quais planejaram e formataram seus meios e instrumentos de combate nas disputas sempre inconciliáveis que travaram.

Lembre-se que Pedro e Paulo nasceram e viveram nas últimas décadas do século XIX e início do XX. Esse era um momento histórico de grandes transformações sociais, políticas e econômicas, sobretudo, era a época do ápice das disputas entre Monarquistas e Republicanos. Com os gêmeos Yaqub e Omar só mudaram as datas do contexto histórico, já que eles vieram à luz na década de 1930, portanto, cresceram e viveram assistindo aos conflitos da Segunda Guerra Mundial e depois, aos da Guerra Fria. Omar, conforme já expusemos, desenvolveu um comportamento de rebeldia e transgressão semelhante ao dos hippies, e Yaqub, uma postura de comportamento semelhante à de um militar, já que ele era um. Assim sendo, eles representaram, em suas disputas, ideologias que se antagonizaram numa guerra geopolítica que, por mais de meio século, destruiu milhares de vidas e ameaçou até a segurança do mundo.

Por fim, após a conclusão das analogias feitas neste trabalho nos debruçamos sobre as importantíssimas presenças e a participações de certos tipos de personagens muito constantes nas cenas romanescas da Literatura Brasileira e até mesmo da universal, as quais também se constituem em representações políticas.

Trata-se do malandro, do escravo, do negro, do índio e do agregado. Entendeu-se isso como bastante necessário ao conjunto desta pesquisa, já que Domingas é índia, agregada e serviçal na casa dos libaneses, tendo, inclusive com um dos gêmeos rivais, um filho a quem o avô Halim deu o nome de Nael. Por meio de sua memória é que se narra a história dos personagens de *Dois Irmãos*, constituindo-se, assim, no único sobrevivente que ficará morando na casa dos fundos da família libanesa, residência destruída pelo avassalador crescimento demográfico de Manaus, após a implantação da Zona Franca.

Terminamos nossa introdução nos referindo à famosa frase machadiana “Ao vencedor, as batatas”. Nada mais tentador e oportuno que terminar a conclusão com a mesma alegoria. Pois o campo de batatas ainda está intocado, disputado pelos homens, como uma representação da felicidade que nunca se alcança.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Manoel Antonio de. **Memórias de Sargento de Milícias**. 6ª Edição. São Paulo. Editora Martin Claret LTDA. 2012.

ALENCAR, José de. **Iracema**. Manaus: Editora Valer, 2010.

ALENCAR, José de. **Ubirajara**. São Paulo. Editora Martin Claret. 2002.

ALENCAR, José de. **O Guarani**. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=JhB2g_q3YXAC&oi=fnd&pg=PA11&ots=dgHxPI5mNu&sig=ziz15UrfF1xlGaGKuLCvs2U_fPo#v=onepage&q&f=false>. Acessado em: 5 out 2017

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelho Ideológico de Estado**. Disponível em: <<https://politica210.files.wordpress.com/2014/11/althusser-louis-ideologia-e-aparelhos-ideolc3b3gicos-do-estado.pdf>>. Acessado em: maio 2015.

AMADO, Jorge. **Dona Flor e Seus Dois Maridos**. São Paulo. Editora Schwarcz S.A. 2008.

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**. São Paulo. Editora Martin Claret LTDA. 2016. – (Coleção a obra-prima de cada autor; 329)

ARAÚJO, Ana Paula de. **Os dióscuros. Infoescola. Navegando e aprendendo. Mitologia Grega**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/mitologia-grega/os-dioscuros/>>. Acesso em: 15 mai, 2017.

ASSIS, Machado de. **Esaú e Jacó**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2016.

BOSI, Alfredo. **Machado de Assis**. São Paulo. Publifolha. 2002.

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000194.pdf>>. Acessado em: jan 2017

ASSIS, Machado de. **Quincas Borba**. Fixação de texto, notas e posfácio verificar. Porto Alegre: L&PM. 2009.

AS INCRÍVEIS ARTIMANHAS DAS NUVENS CIGANAS. Direção Paola Vieira e Paulo Lobato. Canal Curta. 2016.

AZEVEDO, Aluísio. **O Mulato**. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=FgQmDwAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=inauthor:%22Alu%C3%ADsio+Azevedo%22&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwj15Zzx9IXdAhWEH5AKHTy3Ah0Q6AEIMjAC#v=onepage&q&f=false>>. Acessado em: maio 2017.

BARRETO, Lima. **O triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo. Editora Martin Claret. 2011.

BÍBLIA Online. **Gênesis quatro**. Disponível em:
<<https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/4>>. Acessado em: 5/mar/2017.

CARLYLE, Thomas. **O heroísmo e a Veneração do Herói na História XIX**. Disponível em: <file:///C:/Users/g115006/Downloads/19066-71916-1-PB.pdf>. Acessado em: agosto 2015. 1841.

Campos Viana, Igor. **Uma Estranha Tensão Entre Constituição e Democracia: A Necessidade de um Constitucionalismo para Além da Modernidade**. Revista do Centro Acadêmico Afonso Pena 21.1 (2015). Disponível em:
<<https://www2.direito.ufmg.br/revistadoacaap/index.php/revista/article/view/401/367>>
Acessado em: maio/2017.

CERVO, Amado Luiz. **Socializando o desenvolvimento; uma história da cooperação técnica internacional do Brasil**. Rev. Bras. Polít. Int. 37 (1): 37-63 [1994]. Disponível em:
<https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/32084583/Socializando_o_desenvolvimento_uma_historia_da_cooperacao_Amado_Luiz_Cervo.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWO WYYGZ2Y53UL3A&Expires=1502740270&Signature=FEQaRpMgawiR6LUFXgwIjoL1DVc%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DSocializando_o_desenvolvimento_uma_histo.pdf>. Acessado em: junho/2017

COELHO NETO. Raphael. **As representações sobre as revoluções cubana e sandinista na revista exílica Araucária de Chile (1978-1990)**. Disponível em:
<<http://www.scielo.org.mx/pdf/latinoam/n61/1665-8574-latinoam-61-00157.pdf>>. Acessado em: maio/2017

CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. Disponível em: <
<https://books.google.com.br/books?id=rjw6BAAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=Os+sert%C3%B5es+de+Euclides+da+Cunha&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiSmt3C6oXdAhVLIZAKHZkwB-YQ6AEIMDAC#v=onepage&q=Os%20sert%C3%B5es%20de%20Euclides%20da%20Cunha&f=false> . Acessado em: maio 2017.

DALAL, Roshen. **A compacta história do mundo**. Tradução de Maurício Tamboni. São Paulo. Universo dos Livros. Ano 2016.

DIAS, Antônio Gonçalves. **I-Juca-Pirama**. Porto Alegre. L&PM. 2010 – (Coleção L&MM POCKET; v 67).

DUARTE, Durango. **Caso Delmo**. Manaus. Editora Valer. 2013

FIGUEIREDO, Paulo Roberto de Moraes Rego. **O golpe militar no Amazonas: crônicas e relatos**, 2.^a edição – revista e ampliada. Manaus: Moderna. 2014. FISCHER, Luís Augusto. Literatura brasileira: modos de usar. Porto Alegre: L&PM. 2013.

GALEANO, Eduardo H. 1940-2015 – **As veias abertas da América Latina**. Tradução de Sergio Faraco. Porto Alegre, RS: L&PM, 2016. 400 p (Coleção L&PM Pocket v. 900)

COSTA, Cláudio Manuel da. **Arcadismo Líricos e Épicos**. Manaus. Editora Valer. 2010.

GUIMARÃES, Bernardo. **A escrava Isaura**. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=v9BDCQAAQBAJ&pg=PT2&dq=Escrava+Isaura+de+Bernardo+Guimar%C3%A3es&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwj5_Lc84XdAhVCEZAKHSVRA-EQ6AEILDAB#v=onepage&q=Escrava%20Isaura%20de%20Bernardo%20Guimar%C3%A3es&f=false. Acessado em jun 2017.

Hamann, Eduarda Passarelli. **A Resolução Imediata da “Guerra do Futebol”, entre Honduras e El Salvador, pela Organização dos Estados Americanos**. (2002). Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/44676388/Hamann_-_Resolucao_da_Guerra_do_Futebol.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1502721766&Signature=pJ4bzM9BAGma%2B%2F5YtctnVKm3JBU%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DA_Resolucao_Imediata_da_Guerra_do_Futebo.pdf>. Acessado em: maio/2017.

HATOUM, Milton. **Dois Irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

KOSHIBA, Luiz. **História – Origens, estruturas e processos**. São Paulo. Editora Atual. 2009.

MACIEL, Luiz Carlos. **Geração em transe: memórias do tempo do tropicalismo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

MARCUSE, Herbet. **Eros e Civilização – Uma interpretação Filosófica do Pensamento de Freud**. Traduzido por: Álvaro Cabral. 6ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1955.

MOVIMENTO HIPPIE. **História do Movimento Hippie: Surgimento do Movimento Hippie**. Disponível em: <<http://simbologiahippie.blogspot.com.br/>>. Acessado em: 24 abril 2017.

OS DOCES BÁRBAROS. Produção: Caetano Veloso. Direção: Jom Tom Azulay. Palácio das Convenções do Anhembi São Paulo – SP. Ano 1976.

OS FILHOS DE JOÃO, O ADMIRÁVEL MUNDO BAIANO. Direção: Henrique Dantas. Visão geral. Ano 2009. Duração 1h14min. Canal Curta.

PALERMO, Vicente. SILVA, Alexandra de Mello e. **Ditadura Militar Argentina 1976-1983 - Do Golpe de Estado à Restauração Democrática**. Traduzido por: Alexandre de Mello e Silva. Editora EDUSP, 2007. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=WumtOZMnnJkC&oi=fnd&pg=PA13&dq=Argentina,+o+golpe+militar+\(1976-+1983\)&ots=og6XYeT2-&sig=UD26BIpLVnwmUTy1SXm2fNGw-fA#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=WumtOZMnnJkC&oi=fnd&pg=PA13&dq=Argentina,+o+golpe+militar+(1976-+1983)&ots=og6XYeT2-&sig=UD26BIpLVnwmUTy1SXm2fNGw-fA#v=onepage&q&f=false)>. Acessado em: maio/2017.

PATRIMÔNIO E MEMÓRIA - Por uma história transnacional dos festivais de música popular. Música, contracultura e transferências culturais nas décadas de 1960 e 1970. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.7, n.1, p. 257-271, jun. 2011. Disponível em: <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/205>>. Acessado em: nov. 2017.

PENA, Rodolfo F. Alves. **O que é Capitalismo?** Ano 2017. *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-capitalismo.htm>>. Acesso em: 13agost. 2017.

PENHA, João da. **O que é existencialismo**. São Paulo: Brasiliense. Primeira edição E-book 2017. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=AGkvDwAAQBAJ&lpg=PT4&ots=wGYoFUfEhn&dq=Os%20hippies%20tiveram%20tamb%C3%A9m%20como%20inspira%C3%A7%C3%A3o%20e%20influ%C3%Aancia%20as%20ideias%20do%20existencialismo%20sartreano&lr&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false>>. Acessado em: jun 2017.

PILETTI, Nelson. ARRUDA, Jose Jobson de Andrade. **Toda a História - História Geral e História do Brasil** - Vol. Único. 13ª Edição. Ano 2015. Editora Ática.

PINTO, Tales. **GUERRA FRANCO-PRUSSIANA E A UNIFICAÇÃO ALEMÃ**. Ano 2017. Disponível em: <<http://guerras.brasilecola.uol.com.br/seculo-xvi-xix/guerra-francoprussiana.htm>>. Acessado em: 20/maio/2017

PROENÇA, Domício. **A trajetória do negro na literatura brasileira**. Estud. av. vol.18 no.50 São Paulo Jan./Apr. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100017>. Acessado em: jan 2018.

SARTRE, Jean Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Traduzido por João Batista Kreuch. São Paulo: Livraria Cultura S/A, 1978.

SANTOS, Luiza Aparecida Oliva dos. **O percurso da indianidade na literatura brasileira: matriz da figuração**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

Schilling. Voltaire, Edição: André Roca (2013). **A rebelião das massas: a origem dos movimentos sociais**. Acessado em: <<https://www.terra.com.br/noticias/educacao/historia/a-rebeliao-das-massas-a-origem-dos-movimentos-sociais,60c596875b8cf310VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

SILVA, Victor Leandro da. **O Norte impossível: ficção, memória e identidade em narrativas de Milton Hatoum**. Manaus: Muiraquitã, 2012.

SOUSA, Rainer Gonçalves. **Comunismo**. *Brasil Escola*. Ano 2017. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/historiag/comunismo.htm>>. Acesso em: 14 de abril de 2017.

SOUSA, Rainer Gonçalves. **Primavera dos Povos**. Ano 2017. *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/historiag/primavera-dos-povos.htm>>. Acesso em: 14/maio/2017

SOUSA, Rainer Gonçalves. **Primavera de Praga**. *Brasil Escola*. Ano 2017. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/historiag/primavera-praga.htm>>. Acesso em: 15/abril/2017.

SUE-MONTGOMERY, Tommie, and Christine WADE. **A Revolução Salvadorenha**. São Paulo: Editora Unesp (2006).

THOREAU, Henry David. **A desobediência civil**. Ano 1849. Tradução de José Geraldo Couto. Disponível em:
https://books.google.com.br/books?id=XL9_zeBksokC&printsec=frontcover&dq=A+desobedi%C3%Aancia+Civil&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwi_kceU_9fVAhVF6SYKHde2A7EQ6AEIJTAA#v=onepage&q=A%20desobedi%C3%Aancia%20Civil&f=false. Acessado em: 24/maio/2017.

VIEIRA, Antônio. MATOS, Gregório de. Barroco – **Poesia e prosa**. Manaus. Editora Valer. 2010.

VICENTINO, Claudio. DORICO, Gianpaolo. **História do Brasil**. São Paulo: Scipione, 1997.

Villas, Alberto. Carta Capital. Cultura. Ano 2013. **Uma Noite em 67**. Disponível em:
<<https://www.cartacapital.com.br/cultura/uma-noite-em-67-o-livro>>. Acessado em: 13/maio/2017.

Zappa, Regina. **1968: eles só queriam mudar o mundo**. Zahar, 2008. Disponível em:
<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=z-hNSAyDuHsC&oi=fnd&pg=PA17&dq=movimento+hippie+no+mundo&ots=gXlApSV9Td&sig=IHF-S7TA_kSFrsqn0ZXwhREmNcI#v=onepage&q&f=false>. Acessado em: 20/abril/2017